

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**CREUZA ELENA DA SILVA**

**A RELAÇÃO INTERATIVA ENTRE JESUS E AS MULHERES A PARTIR DE Mc 14,3-9**

São Leopoldo  
2011

CREUZA ELENA DA SILVA

A RELAÇÃO INTERATIVA ENTRE JESUS E AS MULHERES A PARTIR DE Mc 14,3-9

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção de grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia.

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo  
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586r Silva, Creuza Elena da  
A relação interativa entre Jesus e as mulheres a partir de Mc 14,3-9 / Creuza Elena da Silva ; orientador Verner Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2011. 69 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Bíblia. N.T. Marcos 14 – Crítica, interpretação, etc. 2. Jesus Cristo – Opiniões sobre as mulheres. 3. Profetizas. 4. Mulheres na Bíblia. I. Hoefelmann, Verner. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

## **AGRADECIMENTOS**

Tenho o coração agradecido por tudo. Muitas pessoas colaboraram comigo nessa grande caminhada. E a todas elas devo o meu agradecimento.

Mencionar o nome de todas, seria impossível! Então, tomo a liberdade de destacar apenas alguns nomes, sem os quais não teria chegado aqui.

Pe. Seán Deegan, ( L.S.S (P.I.B., Roma) pelo incentivo, pela bolsa de estudo e ajuda direta na elaboração desse trabalho, lendo, sugerindo, fornecendo material de pesquisa.

As Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora da Congregação à qual pertenco, em especial as Irmãs de Niterói, pela acolhida carinhosa e minhas Irmãs companheiras de Castanheira, Julimar e Valéria, que assumiram meus trabalhos, liberando-me para esse aprofundamento, e, com elas, todas as lideranças da Paróquia de Santo Antônio, Castanheira, MT, com destaque para a pessoa do meu pároco, Pe. Denis Browne;

O professor Verner Hoefelmann, que esteve presente orientando-me neste trabalho final de Mestrado Profissional.

## RESUMO

O propósito deste trabalho é tentar destacar os valores humanos presentes nas relações interativas entre Jesus e as mulheres de seu tempo. Num primeiro momento, fazemos a abordagem de alguns passos da exegese da perícopa de Mc 14, 3-9, com o objetivo de tornar clara a compreensão do texto. E no ponto 1.4, a **análise de conteúdo**, procuramos demonstrar o gesto de uma mulher anônima, na casa de Simão, o leproso, unguindo e reconhecendo Jesus como o Messias esperado por todos. Sua ação lhe garante o título de profetiza. No segundo momento do nosso texto, percebemos Jesus interagindo livremente com as mulheres, incluindo-as no seu movimento de discipulado de iguais, resgatando seus valores, defendendo-as em relação aos privilégios dos homens. Com isso reforçamos que em toda a história do povo de Deus encontramos a luta da mulher, seja por meio de ações ou silêncio, seja buscando vida mais digna. Jesus confirma suas ações e seus silêncios, dando-lhes o lugar devido, incluindo-as como paradigma do verdadeiro discipulado.

**Palavras-chave:** interação de Jesus com as mulheres; inclusão; discipulado de iguais; silêncio profético; profetiza.

## ABSTRACT

The aim of this work is to try and highlight (the) human values present in the interactive relations between Jesus and the women of his time. As a first step we look at some points highlighted by an exegesis of the pericope Mk 14, 3-9 in order to get a better understanding of the text. And in point 1.4, **analysis of the content**, we endeavour to highlight the gesture of an anonymous woman, in the house of Simon the leper, anointing and recognising Jesus as the Messiah hoped for by all. Her action guarantees for her the title of prophetess or female prophet. In the second section of our text we see Jesus interacting freely with women, including them in his discipleship of equals, rescuing their values and defending them in face of the privileges of men. Through this we can substantiate the thesis that throughout the entire history of the people of God we encounter the struggle (waged by) women for a more dignified life either through their actions or silently. (Here) Jesus confirms their actions and silences, giving them their rightful place and thus proclaiming them as a paradigm of authentic discipleship.

**Key words:** Jesus' interaction with women; inclusion; discipleship of equals; prophetic silence; prophetess.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1. A PROCLAMAÇÃO DE UMA MULHER A JESUS: EXEGESE DE Mc 14,3-9 .....</b>	<b>10</b>
1.1 O TEXTO .....	10
1.1.1 O texto grego de Marcos 14, 3-9 .....	10
1.1.2 Verificação do aparato crítico.....	10
1.1.3 Tradução literal da perícope Mc 14,3-9.....	12
1.2 ANÁLISE LITERÁRIA .....	12
1.2.1 Delimitação da perícope .....	12
1.2.2 Uso de fontes .....	13
1.2.3 Estrutura da perícope de Mc 14,3-9.....	18
1.3 ANÁLISE REDACIONAL .....	19
1.3.1 O contexto menor (14,1-11) .....	19
1.3.2 O contexto maior: O ministério de Jesus em Jerusalém (11-16).....	20
1.3.3 A estrutura do Evangelho de Marcos .....	22
1.3.4 O autor do evangelho.....	25
1.3.5 Local e data da redação .....	26
1.3.6 Destinatários .....	26
1.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	27
1.4.1 Introdução (v.3) .....	27
1.4.2 Discurso dos presentes (v. 4-5).....	37
1.4.3 O discurso de Jesus (v. 6-8).....	39
1.4.4 Jesus exalta a ação da mulher (v.9) .....	44
<b>2 - A PROCLAMAÇÃO DE JESUS ÀS MULHERES.....</b>	<b>48</b>
2. 1 A mulher no judaísmo. ....	48
2.1.1 Situação patriarcal .....	48
2.1.2 A mulher na religião .....	50
2.1.3 A mulher no âmbito da casa .....	50
2.1.4 A mulher na vida pública.....	51
2.2 JESUS E AS MULHERES.....	52
2.2.1 O acolhimento aos marginalizados.....	52
2.2.2 Discipulado de mulheres .....	56
2.2.3 Libertação de estruturas patriarcais .....	58
2.2.4 A mulher na Igreja.....	60
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>66</b>

## INTRODUÇÃO

Acredito que todo ser humano tem sede de algo mais, sede insaciável que ultrapassa a sua compreensão. Acredito também que fomos feitos para o além, o infinito, o mais, o Maior. Ele será saciado quando encontrarmos Aquele que nos ultrapassa. E esse Ser, minha fé me leva a acreditar que é Deus.

Minha convivência em comunidades religiosas, na Congregação das Irmãs Sacramentina de Nossa Senhora, da qual faço parte, na comunidade/povo de Deus, com quem tenho partilhado a vida há anos, me ofereceu oportunidades maravilhosas! Uma das experiências foi a de estar em contato direto com a Palavra de Deus, em momentos de estudo, reflexão e, na prática, compartilhando conhecimentos e trocando experiências concretas de vida. Essas riquezas despertaram em mim muitas questões e sei que a maioria delas nunca terá respostas.

Há mais de dois mil anos Jesus esteve aqui entre nós. Suas atitudes e gestos revolucionaram a todos os que tiveram contato com ele, principalmente os excluídos e as mulheres. Ele foi alternativo em tudo que fez, falou e ensinou. Desfez fronteiras cultivadas há séculos e criou pontes o máximo que pode! É daí que vêm algumas das inúmeras perguntas sobre a eficácia de sua doutrina! Onde foram guardados todos os ensinamentos deixados por ele? Por que ainda existem tantas fronteiras entre os seres humanos? Por que tantas irmãs e irmãos nossos, incluídos no tempo de Jesus, ainda hoje vivem às margens da vida, da Igreja que amamos, sem a qual não seremos felizes? Por que a mulher, que recebeu um tratamento diferencial de Jesus, com participação ativa na comunidade do discipulado de iguais, não tem o mesmo lugar e valor que o homem na Igreja hoje? Essas interrogações são colocadas por mulheres das várias comunidades com quem compartilhei e compartilho a vida.

Como saciar tanta sede de conhecimentos? É necessário ir à fonte e encontrar água fresca, pura, saudável! Água engarrafada não proporciona o mesmo frescor e pureza. Mesmo assim arriscamos oferecer umas gotas de água. Não garantimos sua qualidade. As ‘fontes’ de acesso hoje podem não estar tão puras como as ‘fontes’ do passado do tempo de Jesus! E não temos também a pretensão de responder às questões abordadas acima, apenas apresentar mais uma reflexão, entre tantas existentes. Graças a Deus, temos “filtros” com alto poder de purificação. O leitor, ao ler este texto, poderá usá-lo quando sentir necessário. Isso requer libertar da prisão da letra que leva a morte, e se deixar orientar pelo bom senso do Espírito que dá vida e liberta (cf. 2Cor 3,6).



Na primeira parte do nosso trabalho apresentaremos alguns dos passos exegéticos da perícopes de Mc 14,3-9 com a finalidade de facilitar a compreensão do texto no contexto do evangelho de Marcos. Faremos um trabalho de delimitação abordando três momentos: contexto menor, a conspiração contra Jesus Mc 14,1-11; no contexto maior, o ministério de Jesus em Jerusalém Mc 11-16; e no contexto amplo, uma amostra (entre várias existentes) de como o evangelho de Marcos está estruturado como um todo. E nessa parte daremos ainda um destaque à exegese do texto em estudo, buscando aprofundar mais detalhadamente versículo por versículo e nos encantar com o gesto ousado e profético da mulher anônima, que elegeu e ungiu Jesus como o Messias de toda a humanidade. No segundo momento, abordaremos a atuação de Jesus junto do seu povo judeu patriarcal. Veremos seu agir interativo, inclusivo, revolucionário, principalmente com os excluídos e nesse estudo destacaremos as mulheres. Com seu jeito de ser e agir, ele atraiu muitos seguidores. A força carismática de Jesus era muito grande, e parece ser isso o que mais atraiu pessoas para seu movimento, mais do que a organização do grupo.<sup>1</sup>

Se desejar, o leitor poderá fazer uma caminhada conosco. Não é uma aventura em '3D'. Vai ter de usar seus próprios óculos. Não tem grandes respostas, mas com certeza muitas perguntas! Discordar também faz parte. É assim o texto bíblico, fecundo e conflitivo pelas inúmeras interpretações de cada pessoa.

---

<sup>1</sup> PAGOLA, José A. **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 323.

# 1. A PROCLAMAÇÃO DE UMA MULHER A JESUS: EXEGESE DE Mc 14.3-9

## 1.1 O TEXTO

### 1.1.1 O texto grego de Marcos 14, 3-9<sup>2</sup>

<sup>3</sup> Καὶ ὄντος ἐν Βηθανίᾳ ἐν τῇ οἰκίᾳ Σίμωνος τοῦ λεπροῦ, κατακειμένου αὐτοῦ ἦλθεν γυνὴ ἔχουσα ἀλάβαστρον στυπῶν μύρου νάρδου πιστικῆς πολυτελοῦς, καὶ συντρίψασα τὸ ἀλάβαστρον κατέχευεν αὐτοῦ κατὰ τῆς κεφαλῆς. <sup>4</sup> ἦσαν δέ τινες ἀγανακτοῦντες πρὸς αὐτούς· Εἰς τί ἡ ἀπώλεια αὕτη τοῦ μύρου γέγονεν; <sup>5</sup> ἠδύνατο γὰρ τοῦτο τὸ μύρον παραθῆναι ἐπάνω τριακοσίων δηναρίων καὶ δοθῆναι τοῖς πτωχοῖς; καὶ ἐνεβριμῶντο αὐτῇ.

<sup>6</sup> ὁ δὲ Ἰησοῦς εἶπεν, Ὑπομνηστεύετε αὐτήν· τί αὐτῇ κόπους παρέχετε; καλὸν ἔργον ἠργάσατο ἐν ἐμοί. <sup>7</sup> πάντοτε γὰρ τοὺς πτωχοὺς ἔχετε μεθ' ἑαυτῶν, καὶ ὅταν θέλητε δύνασθε αὐτούς εὖ ποιῆσαι· ἐμὲ δὲ οὐ πάντοτε ἔχετε. <sup>8</sup> ὁ ἔσχεν ἐποίησε· προέλαβε μυρίσαι τὸ σῶμα μου εἰς τὸν ἐνταφιασμόν. <sup>9</sup> ἀμὴν δε λέγω ὑμῖν, ὅπου ἐὰν κηρυχθῆ τὸ εὐαγγέλιον εἰς ὅλον τὸν κόσμον, καὶ ὁ ἐποίησεν αὕτη λαληθήσεται εἰς μνημόσυνον αὐτῆς.

### 1.1.2 Verificação do aparato crítico

O Novo Testamento, como o Antigo, passou por longos processos de transmissão de manuscritos. Nesse processo ocorreram várias mudanças no texto que ficaram registradas em manuscritos, famílias de manuscritos ou tradições textuais. A perícopos de Mc 14,3-9 apresenta várias questões em relação à crítica textual. A título de exemplo, vamos nos deter apenas na verificação de uma frase junto ao aparato crítico.

Neste trabalho, contaremos com a ajuda do aparato crítico do texto grego de Mc 14,3-9, como nos apresenta a 27ª edição de Nestle-Aland,<sup>3</sup> dos paradigmas oferecidos pelo manual de exegese do NT<sup>4</sup> e do livro “Jesus em Betânia”, de Cláudio Vianney Malzoni.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. Stuttgart: Stuttgart Deutsche Bibelgesellschaft, 1994, p. 136-137.

<sup>3</sup> Estas variantes e testemunhos constam na edição do Novo Testamento Grego de Nestle-Aland et al. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993, p.136-137.

<sup>4</sup> WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de metodologia*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 2005, p. 39-82.

<sup>5</sup> MALZONI, Cláudio Vianney. *Jesus em Betânia: Mc 14,3-9: Um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 15-18.

A frase sobre a qual faremos a verificação se encontra em Mc 14,4: ἦσαν δέ τινες ἀγανακτοῦντες πρὸς ἑαυτοὺς· “*Ora, alguns estavam indignados entre si*”.

Esta frase, considerada como original por Nestle-Aland, é apoiada pelos manuscritos gregos maiúsculos Sinaítico (Ⲙ - versão original), Vaticano (B), Ephraemi (C - versão original), L, Ψ, pelos manuscritos gregos minúsculos 892 (versão original), 2427, 2542 e poucos outros, e por alguns manuscritos da versão copta boáirica. Os manuscritos Sinaítico e Vaticano (séc. IV) conferem autoridade a essa leitura pela sua antiguidade.<sup>6</sup>

Os sinais que envolvem essa frase ( < > ) indicam que ela é substituída por outras em alguns manuscritos. Na verificação que faremos, vamos nos deparar com três variantes para esta frase.

1. ἦσαν δέ τινες ἀγανακτοῦντες πρὸς ἑαυτοὺς καὶ λεγοντες, “*ora, alguns estavam indignados entre si e dizendo*”. Esta versão é apoiada pelos manuscritos gregos maiúsculos A, C (segundo corretor) e W, pela família de manuscritos gregos minúsculos 1, pelo texto majoritário, pelos manuscritos latinos antigos e pela Vulgata, pela versão siríaca Peshita, pela versão copta saídica e uma parte dos manuscritos da versão boáirica.

2. οἱ δὲ μαθηταὶ αὐτοῦ διεπονοῦντὸ καὶ ελεγον” *ora, os discípulos dele estavam indignados e diziam*. Essa leitura é apoiada pelos manuscritos maiúsculos gregos D e Θ, pelo minúsculo 565 e todos ou a maioria dos manuscritos latinos antigos, com pequenas variações.

3 ἦσαν δέ τινες τῶν μαθητῶν ἀγανακτοῦντες πρὸς ἑαυτοὺς καὶ λεγοντές “*ora, alguns dos discípulos estavam indignados entre si e dizendo*”: Essa frase é apoiada pelo manuscrito grego maiúsculo W e pela família de manuscritos minúsculos 13.

Na tentativa de entender o sentido dessas variantes, encontramos duas questões: quem reclamou sobre a ação da mulher e como a reclamaram?

Quem reclamou?	Como reclamaram?
1 τινες – <i>alguns</i>	1 ἀγανακτοῦντες πρὸς ἑαυτοὺς καὶ λεγοντες – <i>indignados entre si e dizendo</i>
2 οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ – <i>os discípulos dele</i>	2 διεπονοῦντὸ καὶ ελεγον – <i>indignados e diziam</i>
3 τινες τῶν μαθητῶν – <i>alguns dos discípulos</i>	3 ἀγανακτοῦντες πρὸς ἑαυτοὺς καὶ λεγοντες – <i>indignados entre si e dizendo</i>

<sup>6</sup> NESTLE-ALAND, 1994, p.136-137 e p. 810; WEGNER, 2005, p. 44-61.

A reclamação é narrada no versículo 4, que descreve igualmente o motivo da indignação: é um desperdício derramar um perfume tão caro sobre Jesus. Mas o texto não especifica quem é o sujeito da reclamação. Isso se encontra no texto paralelo de Mateus (26,8) : “ιδόντες δέ οί μαθηταί η̄γανακτήσαν λέγοντες”( *e os discípulos, vendo, indignaram-se dizendo*. Pode-se concluir que as variantes foram introduzidas por copistas a partir do texto paralelo de Mateus, para especificar o sujeito da reclamação no texto de Mc 14,4 ἦσαν δέ τινες ἀγανακτοῦντες πρὸς ἑαυτοῦς: “*Ora, alguns estavam indignados entre si*.”

### 1.1.3 Tradução literal da perícopie Mc 14,3-9

3. E estando ele em Betânia, na casa de Simão, o leproso, estando ele reclinado, veio uma mulher tendo vaso de alabastro de perfume de nardo puro, de alto preço, e quebrando o vaso de alabastro, derramou sobre a cabeça dele.

4. Ora, estavam alguns indignados entre si: Para que este desperdício do perfume?

5. Pois podia este perfume ser vendido por mais de trezentos denários e ser dado aos pobres. E murmuravam contra ela.

6. Mas Jesus disse: deixai-a, por que problemas causais a ela?

Boa ação praticou em mim.

7. Pois os pobres sempre tendes convosco, e quando quiserdes, podeis a eles bem fazer, a mim, porém, não sempre tendes.

8. O que ela pode ela fez: Antecipou-se a ungir o meu corpo para o sepultamento.

9. Amém, e digo a vos: onde for proclamado o evangelho, em todo mundo, também o que fez esta será contado em memória dela.

## 1.2 ANÁLISE LITERÁRIA

### 1.2.1 Delimitação da perícopie

Delimitar um texto significa estabelecer seu limite em relação ao texto anterior e posterior, ou seja, onde ele começa e onde ele termina. O trecho resultante dessa delimitação recebe o nome de perícopie.

De forma geral, os textos bíblicos já vêm divididos em perícopes. No entanto, nem sempre existe um consenso entre as edições da Bíblia quanto à delimitação de uma unidade ou

de um texto bíblico. Vamos partir da divisão adotada pela Bíblia de Jerusalém na definição dos limites da perícopes deste estudo. Marcos 14,3-9 forma o recheio de duas narrativas (14,1-2 e 10-11), sem perder sua unidade. Existem nela referências claras a lugares: a cena acontece em Betânia, na casa de Simão, o leproso. As personagens presentes são: a mulher, que derrama o perfume na cabeça de Jesus, Simão, o dono da casa, e Jesus, o alvo da atenção da mulher e dos presentes. O contexto imediato se refere a outros personagens: os sacerdotes e escribas, além de Judas. Há também mudanças nos verbos: predominam na perícopes anterior os verbos no indicativo imperfeito: ἦν *era*; ἐζήτουν, *buscavam*; ἔλεγον, *diziam*, que mostram um movimento em curso para eliminar Jesus.

Podemos dizer que a perícopes de Mc 14,3-9 é autônoma em relação ao contexto. Ela é composta por uma narração coerente e completa, diferenciada daquela que antecede (v.1-2) e que sucede (v.10-11).<sup>7</sup> O v.3 inicia com a partícula καί, *e*, uma conjunção muito presente em Marcos, que indica o início de uma perícopes, e fecha no v.9 com o ἀμήν, *amém* de Jesus, confirmando a ação da mulher e declarando que seu gesto será sempre lembrado no mundo inteiro.<sup>8</sup>

Constatamos que nossa perícopes (Mc 14,3-9) está bem delimitada: ela apresenta um início, meio e fim.<sup>9</sup> Ela faz parte do bloco da paixão e ressurreição de Jesus, porém seu conteúdo é independente. “[...] é um exemplo típico de unidade narrativa originalmente autônoma, inserida depois no texto da paixão”.<sup>10</sup> Está bem separada da perícopes anterior - conspiração contra Jesus (14,1-2) e também da posterior, a traição de Judas (14,10-11). Sua linguagem é narrativa, do gênero dos apóstegmas biográficos<sup>11</sup> (assim definida por Bultmann) e de paradigmas<sup>12</sup> (conforme a denominação de Dibelius), um gênero que se caracteriza por narrar uma história que culmina com uma sentença breve por parte de Jesus.<sup>13</sup>

## 1.2.2 Uso de fontes

As narrativas de Mateus, Marcos e Lucas apresentam características semelhantes entre si, e por essas concordâncias os evangelhos receberam o nome de sinóticos. O que

<sup>7</sup> MALZONI, 2010, p. 13.

<sup>8</sup> MALZONI, 2010, p. 13.

<sup>9</sup> BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus 2004, p. 1780.

<sup>10</sup> SCHREINER, Josef; DAUTZENBERG, Gerhard. **Forma e Exigências do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977, p.200.

<sup>11</sup> WEGNER, 2005, p. 185.

<sup>12</sup> WEGNER, 2005, p. 184.

<sup>13</sup> WEGNER, 2005, p. 184.

diverge entre eles não impede uma visão de conjunto. Essas características são, por exemplo: “a composição narrativa, [...]: consiste em uma sucessão de pequenas unidades literárias (logia, parábolas, milagres, controvérsias) articuladas [...] uma a outra”.<sup>14</sup> Em número apreciável, essas unidades literárias se encontram nos três evangelhos. O Evangelho de João, por sua vez, organiza seus relatos de forma diferente dos evangelhos sinóticos. A teoria que explica de forma mais aceita a questão sinótica é a teoria das duas fontes. Teremos um gráfico mais à frente que demonstra essa teoria.

A perícopre de Marcos 14,3-9 possui paralelo em Mateus (26,6-13) e João (12,1-8). Lucas (7,36-50) narra a história de uma pecadora que unge os pés de Jesus, porém se trata de outro conteúdo, localizado em outro contexto, fora da paixão.

Para o trabalho de análise da nossa perícopre, vamos tomar somente o texto paralelo de Mateus 26,6-13. Descartaremos o texto de Lucas, por ter características próprias e estar em contexto diferente dos de Marcos e Mateus; também não usaremos o texto de João, por não fazer parte dos evangelhos sinóticos e não haver relação literária entre eles.

No paralelo que apresentaremos abaixo das perícopes de Marcos e Mateus, veremos as semelhanças e divergências que há entre eles. O vocabulário, às vezes, difere apenas na forma. O vocabulário usado por Mateus é mais trabalhado que o de Marcos. A re-elaboração feita por Mateus no texto de Marcos é mais clara e visível no texto grego, como podemos ver a seguir.<sup>15</sup>

Marcos 14,3-9	Mateus 26,6-13
Καὶ ὄντος αὐτοῦ	Τοῦ δὲ Ἰησοῦ γενομένου
ἐν τῇ οἰκίᾳ	ἐν οἰκίᾳ
ἦλθεν	καὶ κατέχειν
κατέχειν	προσῆλθεν αὐτῷ
αὐτοῦ τῆς κεφαλῆς	ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ
κατακειμένου	ἀνακειμένου.
ἦσαν δὲ τινες ἀγανακτοῦντες	ἠγανάκτησαν
ἡδύνατο	ἐδύνατο
δοθῆναι τοῖς πτωχοῖς	δοθῆναι πτωχοῖς.

<sup>14</sup> MARGUERAT, Daniel. **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2009, p. 15.

<sup>15</sup> MALZONI, 2010, p.78.

εἶπεν	εἶπεν αὐτοῖς
τί αὐτῇ κόπους παρέχετε	τί κόπους παρέχετε τῇ γυναικί
<u>καλὸν ἔργον</u>	<u>ἔργον γὰρ καλὸν</u>
ἐν ἐμοί	εἰς ἐμέ
<u>τὸ σῶμά μου</u>	<u>τοῦ σώματός μου</u>
εἰς τὸν ἐνταφιασμόν.	πρὸς τὸ ἐνταφιάσαι με
εἰς ὅλον τὸν κόσμον,	ἐν ὅλῳ τῷ κόσμῳ
<u>ἀμὴν δὲ λέγω ὑμῖν</u>	<u>ἀμὴν λέγω ὑμῖν</u>

A comparação entre o texto de Marcos e o de Mateus será mostrada nesse paralelo em português, onde teremos mais clareza sobre as semelhanças e divergências existentes entre eles.<sup>16</sup>

Marcos 14,3-9	Mateus 26,6-13
<p>3 <b>Em Betânia</b>, quando Jesus estava à mesa em casa de Simão, o leproso, aproximou-se dele uma mulher, trazendo um frasco de alabastro [cheio] de perfume [de nardo puro, caríssimo; e, quebrando o frasco], derramou-o sobre a cabeça dele.</p> <p>4 Alguns dentre os presentes indignavam-se [entre si]: “Para que esse desperdício de perfume?”</p> <p>5 pois poderia ser vendido esse perfume [por mais de trezentos denários] e distribuído aos pobres”. [E a repreendiam].</p>	<p>6 Estando Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso,</p> <p>7 aproximou-se dele uma mulher trazendo um frasco de alabastro de perfume precioso e pôs-se a derramá-lo sobre a cabeça de Jesus, enquanto ele estava à mesa.</p> <p>8 Ao verem isso, os discípulos ficaram indignados e diziam: “A troco de que esse desperdício?”</p> <p>9 Pois isso poderia ser vendido bem caro e distribuído aos pobres”.</p> <p>10 Mas Jesus, ao perceber essas palavras,</p>

<sup>16</sup> Bíblia de Jerusalém, 2004, p. 1780 e 1750-1751.

<p>6 <i>Mas Jesus disse: “Deixai-a. <b>Por que a aborreceis? Ela praticou uma boa ação para comigo.</b></i></p> <p>7 <b>Na verdade, sempre tereis os pobres convosco</b> [e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes o bem], <b>mas a mim nem sempre tereis.</b></p> <p>8 [Ela fez o que podia: antecipou-se] <i>a ungir meu corpo par a sepultura.</i></p> <p>9 <b>Em verdade vos digo que, por toda parte onde for proclamado o Evangelho, ao mundo inteiro, também o que ela fez será contado em sua memória”.</b></p>	<p><i>disse-lhes: “<b>Por que aborreceis a mulher? Ela, <u>de fato</u>, praticou uma boa ação para comigo.</b></i></p> <p>11 <b>Na verdade, sempre tereis os pobres convosco, mas a mim nem sempre tereis.</b></p> <p>12 Derramando este perfume <i>sobre o meu corpo, <u>ela o fez para me sepultar.</u></i></p> <p>13 <b>Em verdade vos digo que, onde quer que venha a ser proclamado o Evangelho, em todo o mundo, também o que Ela fez será contado em sua memória”.</b></p>
---	---

- **Legenda:**<sup>17</sup>

Destacaremos a seguir as semelhanças que há entre os dois textos:

- ✓ A referência de que Jesus está em Betânia, na casa de Simão, o leproso (Mc v.3a e Mt v.6);
- ✓ A entrada da mulher anônima com um vaso de alabastro de perfume, que ela derrama na cabeça de Jesus (Mc v.3b e Mt v.7);
- ✓ Os presentes vêem essa ação como desperdício, que deveria ter sido vendido para ajudar os pobres (Mc v.4-5 e Mt v.8-9);
- ✓ A intervenção de Jesus em favor da mulher, confirmando sua ação e acrescentando como ação boa em favor dele, e que os pobres vão estar sempre presentes no meio deles e que ele não vai estar sempre (Mc v.6-7 e Mt v.10-11);

<sup>17</sup> **Negrito** – Coincidências literárias entre Marcos e Mateus;

*Itálico* – Pequenas modificações que não alteram o sentido;

Sublinhado – Acréscimo de Mateus;

[ ] – Colchete – Detalhes em Marcos ausentes em Mateus.



- ✓ A referência de Jesus de que a ação da mulher é para a sua sepultura (Mc v.8 e Mt v.12);
- ✓ Jesus reconhece seu gesto especial e de singular valor que será lembrado sempre no mundo todo onde o evangelho for pregado (Mc v.9 e Mt v.13).
- ✓ Outro ponto a ressaltar é que os dois textos estão dentro do contexto da paixão e ressurreição de Jesus, destacando a proximidade da festa da páscoa e os planos dos sumos sacerdotes de prender e matar Jesus.

Essas semelhanças são indícios de que há uma relação literária entre os textos. Segundo a teoria das duas fontes, Marcos é o mais antigo, enquanto Mateus usou os escritos de Marcos como fonte para seu evangelho. Juntamente com Lucas, Mateus fez uso de uma segunda fonte denominada “‘Q’, da primeira letra do alemão Quelle (= fonte), para indicar sua natureza mal “conhecida (J. Weiss, 1890)”.<sup>18</sup> Essa fonte está ausente em Marcos, que provavelmente usou mais a tradição oral para elaborar seu evangelho.

Verifiquemos agora as diferenças que há entre os dois relatos:

- ✓ A perícopé de Marcos contém sete versículos, mas é maior que a de Mateus, que contém oito versículos: são 15 palavras a mais em Marcos, segundo o NTG;<sup>19</sup>
- ✓ Ao descrever o perfume, Marcos o caracteriza mais, dizendo que é *de nardo puro*, e seu valor, *mais de trezentos denários* (v.5);
- ✓ Marcos especifica também que a mulher quebra o frasco antes de derramá-lo em Jesus (v.3);
- ✓ Em Marcos, os presentes “indignavam-se entre si mesmos” em relação ao desperdício do perfume (v.4): em Mateus, quem critica a mulher são os discípulos: “ficaram indignados e diziam” (v.8);
- ✓ Ainda em Marcos, Jesus ressalta que ela “fez o que pôde”, e mais, dá a idéia de uma unção antecipada, quando diz: “antecipou-se a ungir meu corpo” (v.8);

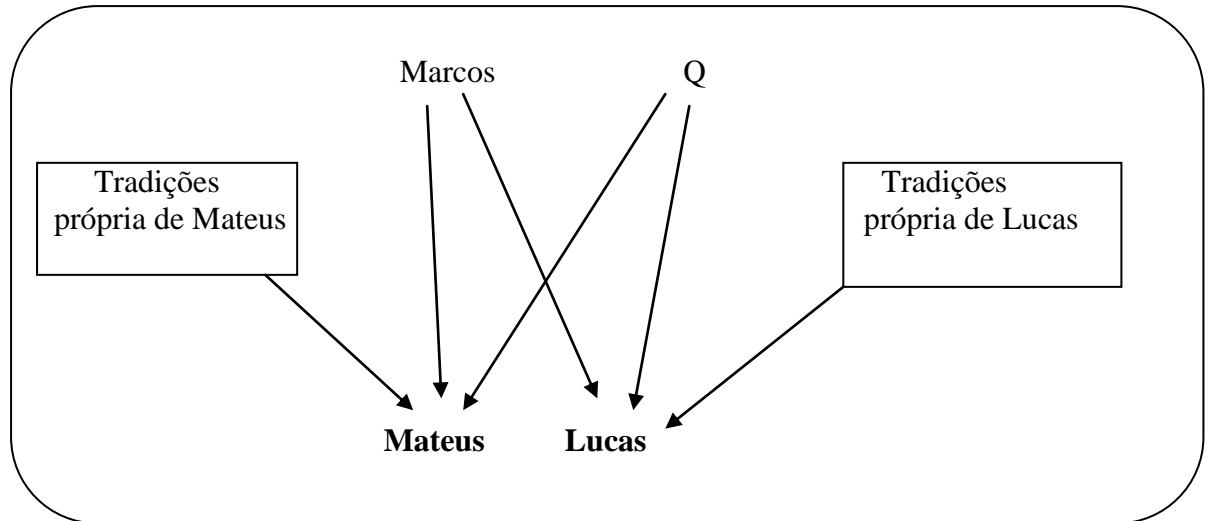
Outro dado importante em Marcos é que Jesus se refere aos pobres: “e quando quiserdes podeis fazer-lhes o bem” (v.7); essa frase falta em Mateus (v.11).

Dessas constatações podemos tirar as seguintes conclusões: nas referências semelhantes entre os dois textos, constatamos que Mateus usou Marcos como fonte. Nas diferenças existentes entre Marcos e Mateus, notamos, por um lado, a característica própria de Mateus, com seu estilo literário refinado, divergindo do estilo rústico de Marcos. Essas

<sup>18</sup> MARGUERAT, 2009, p. 28.

<sup>19</sup> NESTLE-ALAND, 1994, p. 75 e 136.

evidências em relação à perícope de estudo, mostram que Marcos é a fonte comum existente entre eles. Ilustremos com um gráfico a relação literária entre os evangelhos sinóticos:<sup>20</sup>



### 1.2.3 Estrutura da perícope de Mc 14,3-9

Versículo	Função	Explicação
3. E estando ele em Betânia, em a casa de Simão, o leproso, estando ele reclinado veio uma mulher tendo vaso de alabastro de perfume de nardo puro, de alto preço, quebrando o vaso de alabastro derramou sobre a cabeça dele.	Uma introdução.	Essa introdução é composta de dois momentos. O primeiro (v.3a) informa sobre o local onde Jesus se encontra; e o segundo, (v.3b) sobre a ação realizada por uma mulher anônima.
4. Ora, estavam alguns indignados entre si e diziam: Para que este desperdício do perfume	Encontramos nesses dois versículos a reação dos presentes.	Os presentes censuram a mulher pelo desperdício do perfume, e acrescentam que o dinheiro seria melhor aplicado se o perfume fosse vendido para ajudar os pobres

<sup>20</sup> Esse gráfico mostra que Marcos serviu de fonte para os evangelhos de Mateus e Lucas. Ambos também fizeram uso de outras fontes a Q= "Quelle". MARGUERAT, 2009, p. 25.

<p>aconteceu?</p> <p>5. Pois podia este perfume ser vendido por mais de denários trezentos e ser dado aos pobres. E murmuravam contra ela.</p>		
<p>6. Mas Jesus disse: deixai-a, por que problemas causais a ela? Boa ação praticou em mim.</p> <p>7. Pois os pobres sempre tendes convosco, e quando quiserdes, podeis a eles bem fazer, a mim, porém, não sempre tendes.</p> <p>8. O que ela pode ela fez; Antecipou-se a ungir o corpo meu para o sepultamento.</p>	<p>Temos aqui a primeira parte da reação de Jesus; quem tem o domínio da palavra é Jesus.</p>	<p>Neste bloco, só Jesus fala. Pede um basta às críticas; elogia, acolhe, lembra dos pobres, e faz referência à sua morte.</p>
<p>v.9 Amém, digo a vos: onde for proclamado o evangelho, em todo mundo, também o que fez esta será contado em memorial dela.</p>	<p>Conclusão da narrativa</p>	<p>É a mensagem final, destacando o que a mulher fez. Será um memorial para sempre junto à pregação do evangelho.</p>

### 1.3 ANÁLISE REDACIONAL

#### 1.3.1 O contexto menor (14,1-11)

Marcos situou a perícopes de 14,3-9 dentro do relato da conspiração contra Jesus. A unção em Betânia acontece num contexto de tensão, em que as autoridades judaicas e Judas

estão tramando a morte de Jesus. As passagens que antecedem e sucedem a perícopre são como uma moldura que destacam a narrativa central: a unção em Betânia. Essa narrativa segue o modelo sanduiche, um estilo original usado por Marcos. A seguir falaremos mais sobre esse modelo.

- **A perícopre anterior** Mc 14,1-2 tem características bem diferentes da perícopre de Mc 14,3-9. Podemos perceber informações referentes ao tempo: as festas da páscoa e dos pães ázimos aconteceriam em dois dias. Como se trata de uma festa pascal é óbvio que o trecho está localizado em Jerusalém. O evangelista nos informa também sobre alguns personagens que estão atuando: os chefes dos sacerdotes e os escribas não preparam a páscoa, mas planejam uma boa estratégia para prender e matar Jesus, com a preocupação de que não fosse durante a festa para não ter problemas com o povo.

- **A perícopre posterior** (Mc 14,10-11) também tem características diferentes da perícopre em estudo e parece dar continuidade à anterior (Mc 14,1-2). Em Mc 14,10-11, os personagens são bem visíveis: Judas Iscariotes, um dos discípulos, e os chefes dos sacerdotes. A pessoa de Jesus está oculta no pronome αὐτὸν, *ele*, alvo perseguido pelos chefes dos sacerdotes e por Judas.<sup>21</sup> Judas se dirige aos chefes dos sacerdotes com o propósito de entregar Jesus para eles. Diante da ação de Judas, eles ficam alegres e garantem boa recompensa em troca. Judas, portanto, fica aguardando e planejando o melhor momento para entregá-lo.

Em meio a essa narrativa, vamos encontrar a mulher anônima, que dá um destaque especial a Jesus com seu perfume de grande valor, equivalente a um ano de trabalho, mais de trezentos denários. A ação da mulher pode ser contraposta à ação de Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, que trai e entrega Jesus aos chefes dos sacerdotes em troca da promessa de alguma compensação financeira. Enquanto a ação da mulher é criticada, vista como desperdício pelos que se dizem amigos de Jesus, a ação do traidor é recompensada por dinheiro pelos seus opositores.

### 1.3.2 O contexto maior: O ministério de Jesus em Jerusalém (11-16)

O quarto bloco do evangelho de Marcos inicia com o capítulo 11, onde Jesus, com os discípulos e um grupo de peregrinos galileus, chega à cidade de Jerusalém para participar da

---

<sup>21</sup> MALZONI, 2010, p. 11.

feita da Páscoa. Nessa cidade Jesus realizará suas últimas atividades antes de sua morte e ressurreição.

Constata-se que “no evangelho segundo Marcos, a unção de Jesus em Betânia situa-se, cronologicamente, na última semana de Jesus: depois de sua entrada em Jerusalém e antes de sua morte e ressurreição”.<sup>22</sup> Mesmo estando em Jerusalém para a festa, percebe-se que Jesus se retira com seus discípulos para um pequeno povoado no fim do dia.

Nesse retirar-se e retornar a Jerusalém após o cap. 11, Jesus está mais precisamente em contato com três lugares. Encontramos essa informação em Mc 11,1: Ao aproximar de Jerusalém, diante de Betfagé e de Betânia e o Monte das Oliveiras. Temos as “palavras πόλις, *cidade*, (11,19; 14,13.16) para designar Jerusalém e κώμη, *povoado* (11,2) para designar Betânia/Betfagé”.<sup>23</sup> O texto bíblico informa como foram suas últimas atividades nesses lugares: Jesus entrou no templo, em Jerusalém (11,11a); saiu para Betânia com os doze (11, 11b); no dia seguinte saiu de Betânia (11,12); chegou a Jerusalém (11,15); ao entardecer, ele se dirigiu para fora da cidade (11,19); foi de novo a Jerusalém, onde circula no templo (11, 27), ensina no templo (12,35); sai do templo (13,1) e no monte das Oliveiras pronuncia seu discurso escatológico (13,3). No início de nossa perícopes Jesus está em Betânia (14,3).

Os textos bíblicos mostram que Jesus passava o dia em Jerusalém, com as pessoas, e também no templo, porém sob ameaça das autoridades, e à noite retornava à Betânia, por sentir que esse pequeno povoado lhe oferecia segurança, conforto, em companhia de pessoas simples, amigas que o acolhiam em sua convivência. Ali Jesus se sentia em casa, em família.

Neste bloco do ministério de Jesus em Jerusalém podemos verificar mais um ponto importante que diz respeito à nossa perícopes. É a presença da mulher anônima (14,3-9) e da viúva (12,41-44). T. J. Geddert afirma que “estas perícopes servem de moldura ao discurso de Jesus no capítulo 13, no qual ele anuncia a destruição do templo”.<sup>24</sup> A viúva, na sua pobreza, oferece tudo o que tem para viver, e isso representa um desperdício. Ela está enriquecendo um sistema religioso que explora e empobrece cada vez mais os pobres, como Jesus mostra na atitude dos escribas na perícopes precedente (12,38-40). Jesus condena sua existência. A mulher anônima faz tudo que está ao seu alcance, unguendo o corpo de Jesus. Esse gesto é visto por ele como uma antecipação do seu sepultamento, mesmo que esse corpo não será destruído definitivamente, mas ressurgirá para a vida plena de todos, símbolo do novo e verdadeiro templo, mencionado no interrogatório diante do Sinédrio (14,58).

<sup>22</sup> MALZONI, 2010, p. 91.

<sup>23</sup> MALZONI, 2010, p. 92.

<sup>24</sup> GEDDERT, 134-138 apud MALZONI, 2010, p. 94.

Juntamente com a mulher anônima, o evangelho de Marcos relata a presença de dois homens que fazem também o que podem em favor de Jesus. Um é Simão Cirineu, que, meio forçado, se torna discípulo de última hora, caminha com Jesus rumo ao calvário, ajudando-o a levar a cruz (15,21); outro é José de Arimatéia, membro do Sinédrio que condenou Jesus. Ele se apresenta a Pilatos e pede o corpo de Jesus e se encarrega de sepultá-lo (15,42-46). Junto com José de Arimatéia, o evangelista João coloca Nicodemos (19,38-42). Os dois medrosos eram discípulos de Jesus às escondidas, mas agora, após sua morte, se mostram corajosos e atuantes, fazendo o que podem para sepultar o corpo de Jesus. A ação dos dois desafia os corajosos discípulos que seguiam Jesus enquanto ele vivia e, que após sua morte estão com medo e trancados em casa.

Temos também nessa fase final da morte e ressurreição de Jesus outras mulheres que se unem àquela anônima da unção. Os textos dizem que elas acompanharam Jesus desde a Galiléia até Jerusalém. São elas: Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de Joset, e Salomé (15,40-41). Elas sabem onde o corpo de Jesus fora sepultado (15,47), e são também as primeiras a testemunhar a ressurreição de Jesus (16,1-8).

### 1.3.3 A estrutura do Evangelho de Marcos

Em relação à estrutura do evangelho de Marcos, os estudiosos da Bíblia divergem bastante. Neste trabalho vamos seguir a estrutura proposta por Grün,<sup>25</sup> que por sua vez cita Iersel, um exegeta holandês que “parte do princípio de que o Evangelho de Marcos é um livro perfeitamente estruturado em si mesmo”.<sup>26</sup> Ele elogia a estrutura artística que Marcos usou na elaboração do seu evangelho. Ele a descreve como estrutura “concêntrica ou de ‘construção - sanduiche’”, modelo esse que faz parte da estrutura geral do evangelho. É uma forma de escrever “em que duas narrativas são encaixadas de tal maneira que uma serve de moldura à outra”.<sup>27</sup> Nesse modelo de construção de texto, a mensagem de destaque sempre vai estar na parte central. A nossa perícopes também segue esse modelo.

Outro exemplo dessa forma de escrever de Marcos é a cura da hemorroíssa e a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,21-43). Nos v.21-24, encontramos Jairo, chefe da sinagoga, implorando a Jesus pela cura de sua filha. Nos v.25-34, Jesus é interrompido por

<sup>25</sup> GRÜN, Anselm. **Jesus caminho para a liberdade**. Evangelho de Marcos. São Paulo: Loyola, 2006, p. 15.

<sup>26</sup> IERSEL, 296 apud GRÜN, 2006, p. 15

<sup>27</sup> IERSEL, 296 apud GRÜN, 2006, p. 16.

uma mulher com hemorragia que é curada pelo toque nas vestes de Jesus. E novamente nos v.35-43 volta a história de Jairo, quando Jesus se dirige à sua casa e ressuscita sua filha.

Seguindo o esquema de Iersel, veremos no contexto mais amplo este modelo citado acima. Marcos organiza seu evangelho em *cinco blocos* contendo essa estrutura. No *primeiro bloco*, “o evangelho inicia com uma narrativa que se passa no deserto (1,2-13) e tem seu paralelo no *quinto bloco* com a narração dos acontecimentos em torno do sepulcro (15,44-16, 9)”.<sup>28</sup> No deserto, como no sepulcro, encontramos morte, escuridão, ausência de qualquer possibilidade de vida. Com a presença de Jesus nesses dois lugares, acontece transformação radical tanto de um quanto do outro. “No deserto, João Batista [...] anuncia a chegada do Reino de Deus. No sepulcro, um anjo [...] anuncia a mensagem central do evangelho: Ele ressuscitou” (16,6).<sup>29</sup>

No *segundo bloco*, encontramos Jesus realizando sua missão na Galiléia (1,16-8, 21). Em pequenas cidades ele anuncia o Reino de Deus, realiza milagres, chama seus discípulos para segui-lo. Galiléia é o lugar do sucesso: Jesus é bem aceito e acolhido por todos. Seu paralelo no *quarto bloco* é Jerusalém, lugar do confronto com os escribas e sumo sacerdotes (11,1-15,39). Nesse ambiente religioso e sagrado, Jesus não é aceito, não realiza milagres, tem “fracasso total” até a morte de cruz. A nossa perícopa, a unção em Betânia, se encontra neste bloco e dentro do relato da paixão, conforme a divisão apresentada e segundo a Bíblia de Jerusalém.<sup>30</sup>

No fim do *segundo bloco* e início do *terceiro bloco* acontece a cura de dois cegos. O primeiro cego em Mc 8,22-26, sem nome, foi levado por pessoas até Jesus. Ele parece não entender o que está acontecendo. Não foi uma atitude convicta que partiu dele. Houve dificuldade na cura: foi preciso mais tempo para que a luz penetrasse em seus olhos. Jesus o orienta a ir para casa. Esse cego pode ser relacionado com os discípulos, que estavam como que cegos e com dificuldades para entender Jesus. Foi necessário paciência e tempo. Nem no caminho para Jerusalém e nem os fatos ocorridos com Jesus nessa cidade foram capazes de abrir os olhos deles.

O segundo cego (Mc 10,46-52) tem nome: ele grita por piedade, não se deixa intimidar pelos opositores que querem fechar sua boca. Deixa o manto, num salto fica de pé para ir ter com Jesus, tem muita sede de luz, de saber para onde ir. A cura é instantânea e ele se põe a caminhar com Jesus.

<sup>28</sup> IERSEL, apud GRÜN, 2006, p.16.

<sup>29</sup> IERSEL, apud GRÜN, p. 17.

<sup>30</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM: Nova edição, revista e ampliada. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

Nesse *terceiro bloco* entre Galiléia e Jerusalém (Mc 8,27-10,45), Jesus caminha com seus discípulos para Jerusalém. Nessa caminhada, ele se mostra com mais paciência, quer estar a sós com os discípulos, não ser incomodado pelos de fora do grupo dos doze, para ter tempo e esclarecer o sentido do discipulado, pois percebe que muitas coisas não estão claras para eles. Ao mesmo tempo os discípulos precisam de tempo para assimilar e entender o que Jesus estava ensinando.

Muitos dizem que o evangelho de Marcos é uma narrativa da paixão/morte de Jesus com uma longa introdução, pois já no início ele menciona sua morte. E Fiorenza<sup>31</sup> nos relata que na caminhada rumo a Jerusalém o evangelho se refere por três à “paixão, execução e ressurreição. [...] (cf. 8,31; 9,31; 10,33s)” de Jesus.<sup>32</sup> E ela continua dizendo que mesmo com a fala de Jesus sobre sua paixão, os discípulos não compreendem nada do que ele diz (cf. 8,32; 9,32; 10,33s). Essa incompreensão, por sua vez, é seguida de uma instrução sobre a natureza do verdadeiro discipulado (8,34-38; 9,33-37; 10,42-45).<sup>33</sup> O resultado desses ensinamentos não foi muito positivo. Mesmo após lhes ter recordado as dificuldades por que iria passar (14,26-31), ao verem-no entregue e preso por um dos doze (14,42-45), “abandonando-o, fugiram todos” (14,50). Com certeza toda pessoa cristã se vê bem retratada nesse evangelho.

Partindo da fala de Iersel<sup>34</sup>, deve estar aqui o eixo da teologia de Marcos: estar a caminho com Jesus, não parar na Galileia, mas estar pronto a ir também a Jerusalém com Jesus e voltar à Galileia, lugar da inauguração do reino de Deus (16,7; Mt 28,7.10.16). O escrito de Marcos só pode ser entendido pelos que estão dispostos seguir Jesus. Somos tentados a olhar para as pessoas da nossa atualidade, com seus inúmeros problemas, decepções, angústias, depressões e tantos outros males. É preciso voltar o olhar para o Jesus de Marcos. Não para encontrar soluções fáceis e nem ser tirados da cruz, mas para reler toda sua história de abandono, sofrimento, e, por outro lado, de grande amor em um momento de total impotência. É refazendo sempre esse caminho que encontraremos respostas para inúmeras perguntas frente à solidão, ao medo, à doença e à morte.<sup>35</sup>

---

<sup>31</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 362.

<sup>32</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 362.

<sup>33</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 362.

<sup>34</sup> IERSEL, 300, apud GRUN, 2004, p. 19.

<sup>35</sup> SCHREIBER, 242 apud GRUN, 2004, p. 21-22.



### 1.3.4 O autor do evangelho

O evangelho segundo Marcos é originalmente um livro anônimo. Não encontramos o nome do autor em nenhuma parte do evangelho. “Seu relato não ostenta nenhum “eu” que fala, [...]”.<sup>36</sup> Mas “Papias, bispo de Hierápolis, [...] qualifica Marcos de intérprete de Pedro”.<sup>37</sup> “Marcos, na qualidade de hermeneuta (ver abaixo) de Pedro, anotou com cuidado, mesmo que não em forma (artística) tudo o que lembrava do que o Senhor tinha dito e feito”.<sup>38</sup> Esse Marcos a que Papias e outros fazem referências, provavelmente é o citado em At 12,12.25; 13,5.13; 15,37 e em quatro epístolas do Novo Testamento (Cl 4,10; Fm 24; 2Tm 4,11; 1Pe 5,13).<sup>39</sup>

Por muitos séculos, não se contestou os relatos de Papias sobre a autoria do segundo evangelho. Pohl se manifesta dizendo: “sem questionamento de amigos e inimigos ficaram pelos séculos estes três fatos: a autoria de João Marcos, sua ligação com Pedro e a ligação do evangelho com Roma”.<sup>40</sup> Mas, em tempos recentes, diante de estudos mais avançados, pesquisas e questionamentos, o que estava sólido e inabalável foi submetida à crítica. E algumas polêmicas surgiram. Muitos estudiosos bíblicos questionam a afirmação da autoria do evangelho a Marcos, por não existirem provas mais consistentes e ainda porque as afirmações de Papias não teriam “valor histórico” “(Marxsen; no mesmo sentido Bultmann [...] e outros”.<sup>41</sup> Em contrapartida, outros pesquisadores aceitam as informações de Papias, alegando que seus relatos são verdadeiros “(Michaelis, p. 51; o mesmo pensam p ex H. J. Holtzmann, Hauck, Schniewind [...] e por último, Kurzinger, Gnilka, Hengel e outros)”.<sup>42</sup>

Quando o leitor se aprofunda nos argumentos de Pohl, e nas várias fontes pesquisadas, aos poucos as evidências mostram que a tradição que atribuiu a autoria do evangelho a João Marcos de Jerusalém, auxiliar de Pedro em Roma, merece credibilidade.

<sup>36</sup> MARGUERAT, 2009, p. 58.

<sup>37</sup> MARGUERAT, 2009, p. 59.

<sup>38</sup> POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos: Comentário Esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 19.

<sup>39</sup> CARSON, N, D et al. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 104.

<sup>40</sup> POHL, 1998, p.19.

<sup>41</sup> POHL, 1998, p. 19.

<sup>42</sup> POHL, 1998, p. 19.

### 1.3.5 Local e data da redação

Existem muitas divergências sobre o local e a data da composição do Evangelho de Marcos. Já foi mencionada acima a cidade de Roma. Muitos autores afirmam, a exemplo de Ched Myers,<sup>43</sup> Daniel Marguerat,<sup>44</sup> Giuseppe Barbaglio,<sup>45</sup> que o evangelho foi escrito em Roma, entre os anos 65 a 70 d.C..

Alguns pontos justificam essa data. Possivelmente Marcos escreveu após a morte de Pedro, que ocorreu entre 64-65 d.C., durante a perseguição de Nero. É o que afirma o prólogo Antimarcionista (180 d.C) e Irineu (*Adv. Haer.* 3:1.2).<sup>46</sup>

O evangelho de Marcos foi provavelmente o primeiro a ser escrito. Por ter sido usado por Mateus e Lucas, uma data após 70 d.C. é muito improvável.<sup>47</sup>

A presença de muitos latinismos<sup>48</sup> no evangelho e de traços característicos, confirma e em muito a tradição de que Marcos escreveu seu Evangelho em Roma, e para os cristãos romanos. A tradução de expressões ou frases em aramaico em alguns textos (5,41; 7,11. 34; 14,36; 15,34) mostra que foi escrito num lugar onde não se falava aramaico, a língua materna de Jesus.

### 1.3.6 Destinatários

Se for correto afirmar que Marcos escreveu muito dos relatos, discursos e pregações de Pedro, uma vez que era seu auxiliar, é possível afirmar que “[...] Pedro é a fonte imediata de grande parte do material de Marcos”.<sup>49</sup> Esta é a teoria mais tradicional. Mas existem outras possibilidades que sugerem um processo um pouco mais complexo, relacionado às testemunhas que se mantinham vivas nas igrejas desde o início. Entre outras possibilidades, Pohl aponta para “[...] indícios de que dispunha de mais subsídios orais e documentos

<sup>43</sup> MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992, p.126.

<sup>44</sup> MARGUERAT, Daniel. 2009, p. 60.

<sup>45</sup> BARBAGLIO, Giuseppe et al. **Os evangelhos**. São Paulo:Loyola, 1990, p. 428.

<sup>46</sup> CARSON, 1997, p. 72.

<sup>47</sup> HARRISON, Everstt F. **Introducción al Nuevo Testamento**. Grand Rapids: Subcomision Literatura Cristiana, 1980, p. 180.

<sup>48</sup> Latinismo: palavras estrangeiras provindas do latim incorporadas no texto grego. Essas características poderia estar presente em outras localidades pela presença dos romanos e a influência que exerciam por onde passavam, mas no evangelho Marcos segundo Pohl, elas são bem acentuadas e fazo crer que Marcos escreveu seu evangelho para os cristãos de Roma. (cf. POHL, 1998, p. 21).

<sup>49</sup>CARSON, N.1997, p. 104.

escritos”,<sup>50</sup> [...]; coleções de material como: “[...] controvérsias (2,1-3.6), de parábolas (14, 1-34) (melhor, 4,1-34 - correção nossa), de milagres (4,35-5,43); [...] a narração da paixão [...]”.<sup>51</sup>

O Evangelho de Marcos foi escrito para os cristãos da Igreja de Roma. Pohl menciona como argumento o uso de latinismos no evangelho e a necessidade de vincular o palácio ao pretório em Mc 15,16 (termo latino para o palácio do governador), ao passo que o mesmo termo em Mateus 27,27 é usado de forma diferente.<sup>52</sup> Além disso, Marcos faz referência a Alexandre e Rufo, filhos de Simão Cireneu, que ajudou a carregar a cruz de Jesus (Mc 15,21). Um homem com o nome de Rufo é saudado por Paulo como membro da comunidade de Roma (Rm 16.13).

## 1.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Essa é a parte mais importante do nosso trabalho. Buscaremos compreender com maiores detalhes a narrativa de nossa perícopa, aprofundando seu conteúdo versículo por versículo. Vamos seguir a divisão proposta na parte de estrutura da perícopa, dividida em quatro partes. O v.3 serve como introdução à narrativa; os vv.4-5 retratam o discurso dos presentes, suas reações, interrogações e indignações; os v.6-8 reproduzem discurso e a réplica de Jesus, que reage às atitudes dos presentes, esclarecendo, afirmando, concordando; e o v.9 constitui o desfecho do discurso direto de Jesus, com sua afirmação categórica que proclama o anúncio do evangelho em todo o mundo e que o amor da mulher manifestado no seu gesto será sempre lembrado.

### 1.4.1 Introdução (v.3)

O v.3 abre a narrativa com duas informações: a primeira é sobre o ambiente onde Jesus se encontrava e a segunda se refere à entrada inesperada de uma mulher, com um objetivo bem claro: derramar seu perfume em Jesus.

v.3a - Καὶ ὄντος ἐν Βηθανίᾳ ἐν τῇ οἰκίᾳ	E, estando ele em Betânia, na casa de Simão,
---	--

<sup>50</sup> POHL, 1998, p. 24.

<sup>51</sup> BARBAGLIO, 1990, p. 425-426.

<sup>52</sup> POHL, 1998, p. 21.

<p>Σίμωνος τοῦ λεπροῦ, κατακειμένου αὐτοῦ ἦλθεν γυνὴ ἔχουσα ἀλάβαστρον σπιον μύρου νάρδου πιστικῆς πολυτελοῦς, καὶ συντρίψασα τὸ ἀλάβαστρον κατέχευεν αὐτοῦ κατὰ τῆς κεφαλῆς</p>	<p>o leproso, estando ele reclinado, veio uma mulher tendo um vaso de alabastro de perfume de nardo puro, de alto preço, e quebrando o vaso de alabastro, derramou sobre a cabeça dele.</p>
--	---

**v.3a** - O versículo inicia com a partícula *καί*, que assinala o início da perícope. Verificando o texto grego, percebe-se que essa, em geral, é forma como Marcos inicia as suas perícopes e as frases dentro delas. Importante nessa parte são as palavras que demarcam o lugar da narrativa: *Betânia*, casa de Simão, o leproso.

Jesus, nos últimos dias de sua vida está em Jerusalém, na grande cidade, e em contato com outros lugares menores perto de Jerusalém: Betânia, Betfagé e o Monte das Oliveiras (Mc 11,1.12; 13,3). Em Jo 11,18, somos informados da distância entre Betânia e Jerusalém: cerca de quinze estádios. “Um estádio corresponde a 185 metros. Temos, portanto, a distância de cerca de 2,775 quilômetros”.<sup>53</sup> Mesmo estando em Betânia, Jesus tinha clareza sobre o que iria acontecer a ele em Jerusalém, na festa da Páscoa. Apesar da pressão e perseguição dos opositores sobre ele, Jesus não deixou passar nada despercebido: lugares, pessoas e acontecimentos.

Betânia, de origem hebraica, compõe-se de dois elementos. O primeiro é evidente: *bêt-*, derivado de *bait*, que significa casa. O segundo elemento, *-ania*, presta-se a diversas interpretações. Nolli, por exemplo, elenca três possibilidades: *bêt-hîni* ou casa das tamareiras, *bêt-anjia* ou casa da miséria e *bêt-Hanja* ou casa de Ananias.<sup>54</sup>

Outra interpretação sugere que a terminação “ania” vem do “verbo hebraico ‘NH”, que tem muitos significados. Vamos ficar com o significado “abaixar-se, estar oprimido”. E podemos “interpretar Betânia como a casa do oprimido”.<sup>55</sup> Para Orígenes,<sup>56</sup> Betânia tem um nome especial: “casa da obediência”. Beda relaciona o nome de Betânia à paixão de Jesus e afirma: “Devendo o Senhor sofrer por todo o mundo e todas as nações por seu sangue serem redimidas, deteve-se em Betânia, isto é, na casa da obediência”.<sup>57</sup> Deve ser esta a motivação forte de Jesus estar lá na casa da obediência, ou casa da miséria, como nos diz Nolli, porque

<sup>53</sup> MALZONI, 2010, p. 104.

<sup>54</sup> MALZONI, 2010, p. 106.

<sup>55</sup> MALZONI, 2010, p. 106.

<sup>56</sup> KLOSTERMANN, 77 apud MALZONI, 2010, p. 105.

<sup>57</sup> AQUINATIS, XIV, 3 apud MALZONI, 2010, p. 105.

ninguém melhor do que ele obedeceu ao Pai, e por essa obediência se fez o pior dos miseráveis com um fim humanamente trágico, a morte de cruz.<sup>58</sup>

Pobre é aquele que tem Deus como senhor absoluto de sua vida, colocando nele toda a sua confiança. A confiança em Deus faz dele um observador de suas leis e cumpridor da sua vontade, pois aprendeu a confiar na sua presença, mesmo que o sinta ausente nos momentos mais desafiadores. Jesus se identifica com esse pobre de Betânia pela sua total confiança no Pai.

No ministério de Jesus, segundo Marcos, a *casa* tem um destaque especial. É o lugar do encontro, da escuta da Palavra, da cura e, principalmente, lugar do discipulado. Sempre que ele esteve em uma casa, algo novo aconteceu. Com a multidão aconteciam muitas curas e muitos ensinamentos, mas em casa, ele aprofundava com os discípulos o que havia ficado obscuro. Temos várias passagens em Marcos confirmando a presença de Jesus nas casas: em casa de Simão e André, com Tiago e João, acontece uma cura (1,29); em Cafarnaum, Jesus se encontra numa casa, anunciando a palavra e curando (2,1); na casa de Levi Jesus se encontra para um jantar com publicanos e pecadores e os discípulos (2,15); Jesus está na casa em família, com a multidão em sua volta (3,20); Jesus vai à casa de Jairo, chefe da sinagoga para devolver a vida à sua filha (5,38); Jesus declara a rejeição do profeta pelos de sua casa (6,4); longe da multidão, em casa esclarecia os discípulos (7,17); entra em outra casa no território de Tiro (7,24); novamente em casa e a sós com os discípulos, esclarece suas dúvidas (9,28); em Cafarnaum, em casa, ensinava seus discípulos (9,33); Jesus e os discípulos, em casa, aprofundam os ensinamentos que não entenderam (10,10).<sup>59</sup>

E nessa etapa final de sua vida, Jesus vai estar em um jantar em casa de Simão, o leproso, localizada em Betânia. Essa casa poderia ser um local preferido de Jesus quando estava em Jerusalém.<sup>60</sup> Ali moravam seus amigos Lázaro, Marta e Maria (Jo 11,11).

Na narrativa da nossa perícope, não temos a informação de que Jesus estivesse na casa de seus amigos mencionados acima, mas na casa de Simão, o leproso. Estava lá para um jantar, e o contexto era bastante desafiador para Jesus. Desde o capítulo 11, com sua entrada em Jerusalém, ele estava sob a mira de seus inimigos, desejosos de eliminar sua vida. O que de novo ainda poderia acontecer nessa reta final, onde os ânimos de Jesus deveriam estar abalados com tudo que ele estava vivendo e com todo o sofrimento que o aguardava nos próximos dias? O fato de Jesus estar em Betânia, e não em Jerusalém, na casa de Simão, o

<sup>58</sup> NOLLI, 345 apud MALZONI, 2010, p. 106.

<sup>59</sup> MALZONI, 2010, p. 32.

<sup>60</sup> GNILKA, Joachim. **El Evangelio Segun San Marcos**. Ediciones Sigueme. Salamanca, 1986, p. 261.

leproso, e não no templo, entre os que se purificaram para celebrar a páscoa, é sinal de que ele tem algo de novo a ensinar!

Jesus estava na casa de *Simão*, nome bastante comum pelas informações que temos nos evangelhos:

No Novo Testamento aparecem várias personagens com este nome. No Evangelho Segundo Marcos temos Simão que recebe o nome de Pedro; Simão, o zelota, também do grupo dos Doze; um dos irmãos de Jesus (6,3); Simão cirineu (15,21), e Simão, o leproso, habitante de Betânia.<sup>61</sup>

Que estivesse em uma casa, tudo bem, era um lugar em que ele sempre gostava de estar. Mas a interrogação é: por que Jesus escolheu a casa de um *leproso* para jantar às vésperas da páscoa? Se Simão era leproso, por que Jesus foi estar com alguém que o tornaria impuro segundo as leis judaicas, incapaz de realizar o ritual tão importante que o contexto exigia para a celebração da Páscoa? Por outro lado, como um leproso estaria em casa, uma vez que ele tinha que viver fora da cidade e da casa? Seria Simão alguém que já havia sido curado da lepra por Jesus no início da sua missão em Mc 1,40-45, e que ficou conhecido por esse nome? Gnilka, nas suas reflexões, diz que poderia ser o Simão curado por Jesus, ou que era sua casa, embora ele não estivesse entre os presentes.<sup>62</sup>

Na hipótese de Simão ser aquele que Jesus curou, podemos fazer um paralelo entre ele e a mulher de nossa perícopa, mostrando como eles estão violando a lei.<sup>63</sup>

Mc 1,40-45 – Leproso	Mc 14,3-9 – Mulher
O leproso pede a cura de joelhos a Jesus;	A mulher está acima de Jesus e executa seu ato ousado de ungi-lo;
Jesus toca o leproso;	A mulher toca Jesus;
Jesus pede para não anunciar a cura;	Jesus diz que a ação da mulher será anunciada no mundo inteiro onde for pregado o evangelho;
O leproso proclama e anuncia Jesus a todos;	Jesus afirma que o gesto da mulher será

<sup>61</sup> MALZONI, 2010, p. 33.

<sup>62</sup> GNILKA, 1986, p. 261.

<sup>63</sup> As informações das partes que se referem: casa, Betânia, Simão, o leproso, foram retiradas partes do livro de MALZONI, 2010; e SMITH, Julie M. **Mark 14:3-9: The Anointing at Bethany as Markan Christology**. Disponível em: <[www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9-the-anointing-at-bethany-as-markan-christology](http://www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9-the-anointing-at-bethany-as-markan-christology)> Acesso em: 06 out. 2010.

	proclamado em todo o mundo;
Após curar o leproso, “Jesus já não podia entrar publicamente na cidade” (v.45).	Após a unção da mulher, Jesus entra pela última vez na cidade de Jerusalém publicamente, conduzido ao Sumo Sacerdote (14,53).

Outra suposição é que Jesus estivesse na casa de um leproso, como também os demais presentes, ignorando as regras de pureza e impureza; ou “Talvez ele também tivesse falecido e sua casa ainda mantinha seu nome”.<sup>64</sup>

Em Lv 13,45-46 encontramos informações de como um leproso deveria se comportar: ter as vestes rasgadas, cabelos despenteados, os bigodes cobertos e clamando sempre: “impuro! Impuro!” Deveria morar fora do acampamento até que durasse seu mal. Só retornaria ao convívio após se apresentar ao sacerdote, oferecer o sacrifício e receber dele o atestado de cura.

Um leproso tinha que viver fora da cidade, só e na solidão, longe do seu povo e do seu grupo. A solidão do leproso, longe dos seus parentes e amigos, pode significar a solidão de Jesus desde a condenação até a morte na cruz. Se aqueles “alguns” mencionados no v.4, não são os discípulos, Jesus está só, longe do grupo que ele escolheu, e passando uma das últimas noites de sua vida com estranhos.<sup>65</sup>

Julie M. Smith<sup>66</sup> compara a atitude de Jesus no Templo expulsando os vendedores, virando as mesas dos cambistas (Mc 11,15-19), e seu discurso sobre a destruição do Templo (Mc 13,2), com o comportamento dos sacerdotes na limpeza da casa de um leproso (Lv 14,39-45). A casa do leproso, com todos os bens que nela existem, é imunda, precisa ser destruída e jogada fora. Jesus vê o Templo, com toda sua organização e exploração do pobre, como uma instituição doente, impura, que deve ser demolida, destruída. Está leproso, incapaz de cumprir suas funções. O fato de Jesus estar na casa de um leproso às vésperas da celebração da páscoa, com seus rituais de pureza, significa que Jesus valoriza a casa do leproso tanto quanto ou mais que o Templo. E ainda mais, é nesse novo templo, casa de leproso, que “uma mulher reconhece o messianismo sofrido de Jesus e, em ação profética simbólica, unge Jesus para a sua sepultura, [...]”.<sup>67</sup> É ungido como Messias por uma mulher anônima.

<sup>64</sup> POHL, 1998, p. 388.

<sup>65</sup> SMITH, disponível em: <[www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9](http://www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9)>. Acesso 06 out.2010.

<sup>66</sup> SMITH, disponível em: <[www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9](http://www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9)>. Acesso 06 out.2010.

<sup>67</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 367.

A primeira parte do v.3 termina com o verbo κατακειμένου, *estando reclinado*, do verbo κατάκειμαι, *estar reclinado para uma refeição*.<sup>68</sup> “Nas refeições comuns os judeus ficavam sentados ou de cócoras. Ficar deitado em volta da mesa era um sinal de que a refeição é festiva”.<sup>69</sup> Constatamos que Jesus, às vésperas de sua morte, está em um banquete festivo juntamente com as pessoas, em paz consigo e com todos.

<p><b>v.3b</b> ἦλθεν γυνὴ ἔχουσα ἀλάβαστρον μύρου  νάρδου πιστικῆς πολυτελοῦς,  συντρίψασα τὴν ἀλάβαστρον κατέχευεν αὐτοῦ  κατὰ τῆς κεφαλῆς.</p>	<p>Veio uma mulher trazendo um alabastro de perfume de nardo puro, muito caro, e tendo rompido o alabastro derramou-o na cabeça dele.</p>
--	---

As mulheres estão muito presentes no evangelho de Marcos, desde o primeiro capítulo até o último: a sogra de Simão (1,30-34), Maria, mãe de Jesus (3,31-35.6,3), a mulher hemorroíssa (5,25-34), a filha de Jairo (5,21-24.35-43), a mãe da filha de Jairo (5,40); Herodíades, mulher de Filipe, o irmão de Herodes e sua filha (6,17-28), a mulher siro-fenícia (7,24-30), a mulher viúva e pobre (12,42-44), a mulher em Betânia que unge Jesus (14, 3-9); uma das criadas do sumo sacerdote (14,66-69), mulheres no calvário, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago Menor, e de José, e Salomé (15,40-41), as mulheres que observam o lugar do sepultamento de Jesus, Maria Madalena e Maria, mãe de José (15,47), as mesmas mulheres que estavam no Calvário, vão ao túmulo de Jesus na manhã do domingo da ressurreição (16,1-8). Esses textos revelam a presença de Jesus com elas e delas com Jesus. O seguimento das mulheres junto dele mostra que elas o seguiram desde a Galiléia até a cruz. “[...], portanto o relato, ao apresentá-las até a cruz, as qualifica de discípulas”.<sup>70</sup>

Constatamos também que Jesus, com suas atitudes de acolhida, sem discriminar ninguém, fez surgir o movimento de discipulado de iguais, segundo a fala de Fiorenza. E ela continua dizendo que “a práxis e a visão de Jesus e de seu movimento é melhor entendido como um movimento intrajudaico de renovação, que a apresentava numa opção *alternativa* às estruturas patriarcais dominantes, do que uma formação de oposição [...]”.<sup>71</sup> E nesse movimento de renovação, vemos mulheres que são acolhidas, valorizadas e consideradas iguais no seu grupo. Na verdade Jesus fez o que nunca um rabino havia feito. Estabelece um

<sup>68</sup> MALZONI, 2010, p. 34.

<sup>69</sup> POHL, 1998, p. 388.

<sup>70</sup> TEPEDINO, Ana Maria. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis: vozes, 1990, p. 86.

<sup>71</sup> FIORENZA, 1992, p. 136.



relacionamento particular com as mulheres: fala com elas e lhes presta ajuda em suas necessidades, cura suas enfermidades, deixa-se seguir por elas (Lc 8,2s). Um rabino judeu no tempo de Jesus só era acompanhado por homens.

Que a linguagem androcêntrica de Marcos funciona como linguagem inclusiva fica manifesto na informação que ele dá de que as discípulas mulheres seguiam Jesus da Galiléia a Jerusalém, acompanharam-no pelo caminho da cruz e testemunharam sua morte.<sup>72</sup>

Mesmo com todo preconceito que havia em relação às mulheres, constatamos que algumas se destacaram, ou Jesus deu a elas certo destaque ou fê-las destacar-se pelas suas ações.<sup>73</sup>

Podemos verificar que a casa da “mulher sirofenícia, cujo argumento acertado abriu um futuro de liberdade e completude para sua filha, tornou-se também advogada, [...] para os gentios”.<sup>74</sup> A mulher faz o pedido a Jesus que liberte sua filha do poder do mal, ela faz esse pedido colocando toda a confiança nele. Mas, Jesus estava convicto que não era bom tirar a comida dos filhos, que nesse caso era Israel, para dar aos cães, que alude aos gentios, representados por ela. A mulher dá uma resposta sábia e de confiança: dê-me ao menos as migalhas que caem da abundante mesa dos filhos, pois os cachorrinhos se alimentam assim na casa de seu senhor. Ela parece reconhecer em Jesus, um Deus grandioso e generoso, que deveria satisfazer também a outros povos. Reconhece a primazia de filhos, mas seu argumento faz Jesus expandir sua mesa farta e incluir os de fora. “O fato de semelhante argumento teológico ser posto nos lábios de uma mulher é sinal de liderança histórica que as mulheres tiveram em abrir o movimento e a comunidade de Jesus a ‘pecadores e gentios’ (Gl 2,15b)”.<sup>75</sup>

Teremos outros exemplos do contato das mulheres com Jesus, mostrando a diferença que esse contato causou em suas vidas, após o encontro com ele. Mas faremos essa reflexão no próximo capítulo, onde enfocaremos Jesus e as mulheres. Agora vamos nos deter na mulher que compõe, juntamente com os outros personagens, o cenário da nossa narrativa.

Sabemos muito pouco da mulher anônima, que se torna protagonista em um jantar na casa de Simão, o leproso, onde Jesus se encontra. Marcos 14,3-9 não relatou seu nome. Frente à lacuna que o texto deixa, podemos usar a nossa imaginação em relação ao nome dela e dos personagens presentes que compõem o cenário. Não estamos sozinhos nessa imaginação e

<sup>72</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 365.

<sup>73</sup> TEPEDINO, 1990, p. 87.

<sup>74</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1988, p. 173.

<sup>75</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1988, p. 173.

criatividade. Temos C. Brown,<sup>76</sup> que usou de sua criatividade e brincou com os textos de Marcos, de forma que nos chama a atenção. Vamos aproveitar parte de sua arte na nossa reflexão. No paralelo de Mc 14,3-9 (Mt 26,6-13), também não é mencionado o nome da mulher. Mas em João 12,1-8 ela se chama Maria, irmã de Marta e Lázaro. C. Brown faz referência a J.N. Sanders,<sup>77</sup> que relata a possibilidade de Simão, o leproso, fazer parte dessa família, sendo o pai dos irmãos Lázaro, Marta e Maria. Outra hipótese é que Maria e Maria Madalena sejam a mesma pessoa. O apelativo “Madalena” seria para denominar o estilo de vida que ela levava, antes de conhecer Jesus, como por exemplo, “‘filha pródiga’ (Lc 15:11-32, sendo Marta aquela que permaneceu em casa)”.<sup>78</sup> No texto que narra sobre as duas irmãs, Marta e Maria, temos a referência de que a casa é de Marta, embora não é relatado onde ela está localizada (Lc 10,38). Outra hipótese é que a história da unção que encontramos em Lc 7,36-50, mesmo que difira do contexto dos outros evangelhos, pode ser a mesma história narrada por eles. Se a hipótese for correta, abre possibilidade de ser Maria Madalena, aquela curada dos sete demônios (Lc 8,2) a mulher que ungiu Jesus. Ela havia abandonado a casa da família, por razões diversas, que fogem ao nosso conhecimento, mas em contato com Jesus, se livrou das suas doenças e encontrou o verdadeiro sentido para a vida. Refeita, perdoada e feliz como nunca havia experimentado antes, poderia estar voltando para casa, mas foi acolhida pelo pai. Ainda na hipótese de serem duas Marias, é possível ter havido duas unções. A primeira, em Lucas 7,36-50, cuja identificação ficou registrado como a mulher pecadora. Essa unção “foi uma demonstração de amor num tempo crítico para ela, e a segunda foi uma demonstração de amor que expressava sua devoção a Jesus num tempo crítico para ele”.<sup>79</sup>

Essas são algumas das muitas hipóteses que aparecem quando nos deparamos mais de perto com um texto bíblico, com o propósito de aprofundá-lo. Tratando-se da nossa perícopes, em que uma mulher se faz presente, sem que se dê referências sobre ela, nos escapam informações de fonte segura que comprovem ou desaprovem essas questões levantadas. Por outro lado, faz sentido refletir sobre elas, sem muita pressa para descartá-las.

A mulher da nossa perícopes está em Betânia, na casa de certo Simão, leproso. Outras informações nos escapam. Mas de uma coisa sabemos: ela tem “um frasco de alabastro cheio de perfume de nardo puro, caríssimo”, o equivalente a um ano de trabalho. De novo nos

---

<sup>76</sup> BROWN, C. Mulher: In: COENEN, Lothar; BROWN C. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1337-1341.

<sup>77</sup> WHOM, Those, apud BROWN 2000, p. 1340.

<sup>78</sup> BROWN, 2000, p. 1340.

<sup>79</sup> BROWN, 2000, p. 1340-1341.

perguntamos: como ela possuía dinheiro no valor de um ano de trabalho para dispor dele num frasco de perfume? Afinal, de onde vinha esse perfume com essa qualidade?

Beda nos diz que o alabastro é um tipo de mármore cândido, salpicado de várias cores, apropriado para conservar unguentos'. Na verdade, é uma variedade de calcita que se difundiu no mundo antigo a partir do Egito. Um frasco de alabastro para perfumes era em geral pequeno e delgado, de cerca de 15 a 20 cm.<sup>80</sup>

Esse material só era encontrado no antigo Egito e conhecido por “calcita, uma forma compacta e cristalina de carbonato de cálcio, de cor branca ou entre o branco e amarelo”.<sup>81</sup> Esse termo alabastro só aparece aqui, em Mc 14,3, em Mt 26,7 e Lc 7,37, no episódio da mulher que unge Jesus. Era em frasco e um perfume de qualidade. Para usar seu conteúdo, não havia outra forma, a não ser destruir o frasco.

O perfume faz parte da vida humana desde a antiguidade. “A Bíblia conhece muitos perfumes: aloés, bálsamo, bdélio, cinamomo, incenso, hena, mirra, nardo, resina. Perfumes fazem parte do tesouro do rei (2Rs 20,13)”.<sup>82</sup> Muitas passagens bíblicas do AT relatam o uso do perfume em várias ocasiões: em banquetes (Am 6,6), no ambiente de descanso do rei ou em banquetes entre os amantes (Ct 1,12-14), nos funerais de reis Asa (2Cr 16,14), usado pela rainha Judite quando se dirige ao encontro do general Holoferne; é comparado também como a fraternidade entre os irmãos (Sl 33/32). No NT encontramos relatos de perfume nas cartas de Paulo. Ele diz que Cristo se ofereceu a nós “como oferta e sacrifício de odor suave” (Ef 5,2), e que o conhecimento de Cristo é como um perfume que se espalha no mundo (2Cor 2,14-17).

O perfume usado pela mulher em Mc 14,3 é de nardo. “O nardo é uma planta nativa da Índia, e seu perfume é extraído de sua raiz”.<sup>83</sup> Era utilizado na fabricação de cosmético e da medicina. O perfume de nardo era muito caro. Só pessoas com recursos financeiros mais elevados podiam se dar ao luxo de ter um perfume desse valor. “Era importado (Ap 18,13) em receptáculo selado de alabastro, que só era aberto em ocasiões especiais”.<sup>84</sup> Outra informação sobre o uso do nardo se encontra em Ct 1,12. O nardo usado pela mulher é puro (πιστικός) portanto, não falsificado. “Bauer registra que πιστικός em escritores tardios significa aquilo

<sup>80</sup> BEDA, XIV,3 apud MALZONI, 2010, p. 37.

<sup>81</sup> MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico** 3. ed. Paulinas 1984, p. 20.

<sup>82</sup> MONLOUBOU, Louis; DU BUIT, F. M. **Dicionário bíblico universal**. Aparecida: Santuário, Petrópolis: Vozes, 1997, p. 626.

<sup>83</sup> MALZONI, 2010, p. 38.

<sup>84</sup> DOUGLAS, J.D et. al. **Novo Dicionário da Bíblia**: 3. ed. rev. S2006, p. 915.

que é digno de fé, confiável, em sentido derivado, genuíno, inalterado”.<sup>85</sup> “O adjetivo πολυτελῆς que também caracteriza o perfume é formado de πολῦς (muito) + τέλος (preço), portanto *muito caro*”.<sup>86</sup> Malzoni continua dizendo que esse mesmo adjetivo está presente em 1Tm 2,9, fazendo referências a vestido suntuoso e caro, “e aparece algumas vezes no Antigo Testamento, sobretudo para pedras preciosas (1Cr 29,2; Jd 10,21; Pr 3,15; etc.)”.<sup>87</sup>

Com esses dados podemos dizer, junto com o evangelista Marcos, que o perfume usado pela mulher na unção de Jesus era de alta qualidade, genuíno, produto importado e muito caro, digno de ser derramado na cabeça de Jesus, pois só ele estaria à altura de receber um presente desse nível.

A frase “e quebrando o frasco, derramou-o sobre a cabeça dele” (v.3) não consta dos outros textos paralelos. Gnilka<sup>88</sup> faz referência ao gesto generoso da mulher quando diz que ela não quis reservar para si nada do puro e valioso perfume que trouxe consigo. Para ela, Jesus era o seu rei, e ela estava em sintonia com a passagem bíblica que diz: “Enquanto o rei está em seu divã, meu nardo difunde seu perfume (Ct 1,12)”. A passagem bíblica nos relata que era esta a posição de Jesus: estava reclinado, não no divã, mas sobre a mesa. E nessa postura, de quem está em paz, confiante em si e no Pai, deixa-se acolher pela mulher que derramou todo seu amor e gratidão, por meio daquele perfume de nardo genuíno, em sua cabeça. O perfume estava reservado para momentos especiais. E para a mulher, esse era o momento certo e essa era a pessoa certa, merecedora do valioso nardo. E seu gesto audacioso e pródigo é acolhido e valorizado por Jesus.

Fiorenza continua dizendo que ela supera Pedro. Ela nada afirmou sobre o messianismo de Jesus nem lhe fez promessas em público, mas o reconhece e o trata como messias. Pedro, que reconhece Jesus como messias e promete fidelidade no seguimento, o nega e o abandona diante da cruz.<sup>89</sup>

Na Bíblia encontramos vários textos que se referem a unções. Os que destacaremos abaixo têm certa semelhança com o texto de nossa perícopes:

- a) Ex 29,4-7 – unção sacerdotal de Aarão, com óleo sobre a sua cabeça;
- b) 1Sm 16,1-13 – unção real de Davi por Samuel, com óleo, e no contexto de uma refeição (ver também 1Sm 10,1, a unção de Saul por Samuel, com óleo sobre a cabeça dele);
- c) 2Rs 9,1-10 – unção real de Jeú, com óleo sobre a sua cabeça;

<sup>85</sup> W. BAUER, A, 662 apud MALZONI, 2010, p. 39.

<sup>86</sup> MALZONI, 2010, p. 40.

<sup>87</sup> MALZONI, 2010, p. 40.

<sup>88</sup> GNILKA, 1986, p. 261.

<sup>89</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 368.

- d) Am 6,1-7 – unção no contexto de um banquete;
- e) Sl 23(22),5 – unção com óleo sobre a cabeça no contexto de um banquete. O mesmo apareceu em Lc 7,44-46, onde a unção sobre a cabeça entra no quadro das maneiras de acolhida em um banquete;
- f) Rt 3,3; 2Sm 14,2; Jd 10,3; Est 2,12 – unção cosmética que realça a beleza feminina; também utilizada por homens: 2Sm 12,20; Qo 9,8; Dn 10,3 (ver ainda Mt 6,7);
- g) 2Cr 16,14; Mc 16,1; Lc 23,56-24,1; Jo 19,39-42 – aromas e unção como parte de um rito fúnebre.<sup>90</sup>

Os exemplos apresentados acima confirmam as várias circunstâncias e lugares em que se realizavam as unções. A ação realizada pela mulher, em casa de Simão, o leproso, se assemelha com estes relatos apresentados. Entre os textos relacionados, o que mais se assemelha com a nossa perícopes em estudo é o Sl 23/22,5. O versículo cinco tem pontos em comum com o que Jesus está vivendo, principalmente no que se refere às perícopes anterior (v.1-2) e posterior (v.10-11): Jesus está em um banquete entre amigos, recebe o carinho da mulher com o derramamento de perfume em sua cabeça, frente aos opressores que desejam eliminar sua vida. Mas tem no Pai a plena confiança e não sentiu abalado em momento algum. “[...] experimenta a proteção do *Senhor* e canta a segurança que encontra no cajado do Pastor que o conduz”.<sup>91</sup>

#### 1.4.2 Discurso dos presentes (v. 4-5)

<p>4 ἦσαν δὲ τινες ἀγανακτοῦντες πρὸς ἑαυτοὺς [καὶ λέγοντες], Εἰς τί ἡ ἀπώλεια αὕτη τοῦ μύρου γέγονεν;</p> <p>5 ἡδύνατο γὰρ τοῦτο τὸ μύρον παραθῆναι ἐπάνω τριακοσίων δηναρίων καὶ δοθῆναι τοῖς πτωχοῖς· καὶ ἐνεβριμῶντο αὐτῇ.</p>	<p>4 Ora, estavam alguns indignados entre si e diziam: Para que este desperdício do perfume aconteceu?</p> <p>5 Pois podia este perfume ser vendido por mais de trezentos denários e ser dado aos pobres. E murmuravam contra ela.</p>
--	--

Estamos na primeira parte do discurso direto vindo dos presentes, identificados como *alguns*, os que estão descontentes com a ação da mulher. A locução preposicional “πρὸς ἑαυτοὺς, geralmente acompanha o verbo λέγω, *dizer* (1,27; 9,10; 10,26; 11,31;12,7; 14,4;

<sup>90</sup> MALZONI, 2010, p. 41.

<sup>91</sup> MALZONI, 2010, p. 43.

16,3), [...]. Nestes casos, a interpretação *entre si* é aquela que se impõe”.<sup>92</sup> Já vimos este ponto quando da verificação do aparato crítico, onde alguns manuscritos e família de manuscritos apóiam o acréscimo da forma καὶ λέγοντες, e *dizendo*, que provavelmente se originou do texto paralelo em Mt 26,8.

Como vimos no v.3, temos os nomes do anfitrião da casa, Simão, o leproso, e de Jesus. Marcos não relaciona o nome da mulher nem dos presentes no jantar: chama-os de “alguns” e não faz referência aos discípulos,<sup>93</sup> como o texto paralelo de Mateus. Por que será que Marcos não os menciona? Será que eles estão inclusos nesse pronome indefinido? Se estavam em clima de festa pascal, era de se esperar que eles estivessem fazendo parte nesse jantar. Mas Marcos não relatou a presença deles aqui.

A atitude da mulher de derramar o perfume de nardo, puro e caríssimo na cabeça de Jesus, gerou descontentamento e indignação entre os presentes. Eles não foram capazes de ver no seu gesto outra interpretação a não ser a de desperdício.

Malzoni diz que o “substantivo ἀτὼλεια significa *ruína, destruição*”.<sup>94</sup> E destruição é igual a desperdiçar algo que podia ter sido aproveitado em algo de utilidade, segundo a opinião dos presentes. Eles teriam uma sugestão a fazer frente ao desperdício, porém agora já é tarde, uma vez que a ação da mulher já está consumada. Talvez a indignação entre eles e seus resmungos eram sobre o valor e a venda do perfume. A sugestão ia ao encontro do discurso que eles sempre ouviram de Jesus sobre os pobres, como por exemplo, quando ele sugere ao homem rico de vender seus bens e distribuir aos pobres, antes de segui-lo! (Mc 10,21). E agora estavam diante de um perfume desperdiçado, de nardo puro, genuíno e caríssimo. Como não ficar indignados vendo Jesus passivo, acolhendo a ação da mulher sem nada dizer? E o desperdício era o equivalente ao salário de um ano de trabalho: mais de δηνάρίων τριακοσίων (*trezentos denários*) sendo derramado em sua cabeça. E Jesus não reage nem protesta diante daquela atitude.

Na parábola dos trabalhadores da vinha, o proprietário combina com os trabalhadores um denário por dia (Mt 20,1-16); o bom samaritano deixa dois denários com o hospedeiro para cuidar do homem ferido (Lc 10,35); antes da multiplicação dos pães, os discípulos de Jesus mencionam duzentos denários para alimentar os cinco mil homens (Mc 6,37-44); no templo, Jesus observa que a viúva pobre lança sua oferta no tesouro “λεπτά δύο, isto é, duas moedas de bronze. Um leptón equivalia a 1/128 de denário ou ½ quadrante (κοδράντης), [...].

<sup>92</sup> MALZONI, 2010, p. 45.

<sup>93</sup> GNILKA, 1986, p. 160-161.

<sup>94</sup> MALZONI, 2010, p. 46.

O quadrante era uma moeda romana de bronze e equivalia, pois, a 1/64 de denário”.<sup>95</sup> Judas Iscariotes recebe pela traição de Jesus trinta moedas de prata (Mt 26,15; 27,3.9).

Voltando um pouco atrás, quando C. Brown faz referência às hipóteses levantadas sobre as possíveis mulheres da unção, se é correto afirmar ser Maria Madalena, a “filha pródiga” quem ungiu Jesus, já temos umas vagas luzes de onde veio todo esse dinheiro para a compra do perfume, que generosamente foi derramado em cima de Jesus. Segundo Derrett, o montante que a mulher possui para comprar o perfume só poderia ser resultado do ofício de prostituição que levava. E dinheiro vindo desse meio não podia ser usado para pagar dízimo, por ser imundo e imoral. Mesmo em relação à sugestão da venda do perfume (que chegou atrasada), a negociação não poderia ser realizada por ela, pois pessoas de bens não negociavam com mulheres desse nível, e quem se prezava não recebia presente de prostituta.<sup>96</sup>

O ato de desfazer-se do perfume, como ela fez, ungiendo Jesus, pode ter duas conotações. Primeira: ela poderia estar vendo em Jesus o Messias. Por isso ele seria digno da ação generosa e gratuita com esse perfume precioso e valioso. A segunda: ela vê que é o momento propício para desfazer-se daquele bem, que lhe era útil na vida passada, mas, que agora, na vida nova, não era mais necessário manter consigo, oferecendo-o para aquele que lhe deu a vida de verdade.

Finalizando essa primeira parte, constatamos que continuamos com muitas perguntas. Parece ser intencional o relato de Marcos, para que continuemos buscando, buscando, sempre deparando-nos com mais questões do que com respostas. E os impasses continuam: Quem é essa mulher, e por que esse “desperdício”? É generosidade e gratidão ou estava livrando-se do perfume que lembrava seu passado de exclusão do convívio da comunidade? Os que a criticavam parecem ter razão, pois aquele desperdício ia contra o que Jesus lhes ensinara em relação à caridade com os pobres. No segundo passo de nossa narrativa, teremos mais luzes ou mais questões a aprofundar.

### 1.4.3 O discurso de Jesus (v. 6-8)

6 ὁ δὲ Ἰησοῦς εἶπεν, ᾠφετε αὐτήν· τί αὐτῇ κόπους παρέχετε; καλὸν ἔργον ἠργάσατο ἐν ἐμοί.

7 πάντοτε γὰρ τοὺς πτωχοὺς ἔχετε μεθ’

6 Mas Jesus disse: Deixai-a. Por que problemas causais a ela? Boa ação praticou em mim.

7 Pois os pobres sempre tendes convosco e,

<sup>95</sup> C. BUZZETTI, 90.95, apud MALZONI, 2010, p. 48.

<sup>96</sup> DERRETT, 266-270 apud MALZONI, 2010, p. 52.

<p>ἐαυτῶν, καὶ ὅταν θέλητε δύνασθε αὐτοὺς εὖ ποιῆσαι· ἐμὲ δὲ οὐ πάντοτε ἔχετε.</p>	<p>quando quiserdes, podeis a eles bem fazer, a mim, porém, não sempre tendes.</p>
<p>8 ὃ ἔσχειν ἐποίησε· προέλαβε μυρίσαι τὸ σῶμα μου εἰς τὸν ἔνταφιασμόν.</p>	<p>8 O que ela pode ela fez: antecipou-se a ungir o corpo meu para o sepultamento.</p>

Nesta segunda parte do discurso, vamos estar em companhia de Jesus, que até o momento permaneceu em silêncio. Vimos, no início da nossa reflexão, que Jesus tinha um gosto especial de estar nas casas das pessoas, e que a casa era para ele lugar de reflexão e de aprofundar o discipulado. Estando em casa, lugar de mais intimidade, ele sempre tem algo novo a dizer e ensinar. É momento de preparar o coração para acolher as pérolas de Jesus, que, com certeza, são mais caras que o perfume de nardo usado pela mulher.

Jesus vai direto ao assunto e dá um basta às críticas dos presentes. “Deixai-a”. Chega de censuras e aborrecimentos. É como se Jesus dissesse a eles: ela já foi criticada e censurada o suficiente; deixem-na em paz. “ἤργασατο ἐν ἐμοί καλὸν ἔργον, *ela praticou para comigo bela obra*. O adjetivo καλόν significa, primeiramente, belo, e daí bom, nobre, honrado”<sup>97</sup>. Jesus confirma a ação da mulher, declarando aos presentes que ela fez uma boa ação para ele. Na afirmação, ele elogia o gesto da mulher e reprova os resmungos dos que a criticam.

Conforme a reflexão de J. Radermakers, para o judeu, “a lei, o culto e as obras de misericórdia são as colunas que sustentam o mundo”.<sup>98</sup> E os rabinos ensinavam que as obras de misericórdia consistiam em “esmola, a visita a um doente, a hospitalidade, o consolo aos aflitos, a participação numa festa de núpcias, o resgate de um prisioneiro e, principalmente, o sepultamento de um morto”.<sup>99</sup>

Segundo Gnilka, os judeus tinham obrigação de fazer caridade para os pobres na semana da páscoa. O murmúrio que sai da boca dos presentes é como um protesto contra o desperdício daquele luxo, que poderia ser usado para fazer caridade que o momento pascal exigia. Se aquele perfume representava o excedente para a mulher, todo excedente pertence aos pobres.<sup>100</sup>

O fato de Jesus reconhecer como boa ação o que a mulher lhe fez mostra que ele viu nesse ato uma obra de misericórdia para com ele, na situação em que estava vivendo. Foi um consolo, um gesto de amor, de conforto frente aos conflitos que tinha à sua frente. Ela aproveitou o momento propício para ofertar o que de melhor tinha consigo. Um perfume de

<sup>97</sup> MALZONI, 2010, p. 55.

<sup>98</sup> J. RADERMAKERS, 364 apud Malzoni, 2010, p. 55.

<sup>99</sup> D. DAUBE, 495 apud MALZONI, 2010, p. 55.

<sup>100</sup> GNILKA, 1986, p. 262.



luxo, “importado e caro. Mostrou-se extravagante com Jesus”.<sup>101</sup> Seu gesto, carregado de amor e desprendimento, causou inveja nos presentes, incapazes de liberdade interior para fazer o mesmo. E só conseguiram ver desperdício e cálculos dos prejuízos. A mulher havia encontrado o absoluto de sua vida e não havia mais necessidade de guardar consigo o que antes era acessório importante para conseguir o que achava ser o absoluto.

Ainda hoje, perante os padrões humanos e sociais, existem muitas “vidas desperdiçadas”. Pessoas que deixaram as oportunidades humanas e se doaram e doam totalmente a esse bem maior. “Se tivéssemos de aquilatar as vidas de muitos dos santos, conforme os homens pesam em ‘balanças’, nada encontraríamos com que fazer peso na balança”.<sup>102</sup> Encontraram o Senhor absoluto de suas vidas, e tudo que têm e são de extravagantes é para ele e dele. Esses gestos de doação total de vidas ainda continuam chocando os menos sensíveis que não fizeram experiência do verdadeiro encontro com Jesus e só conseguem ver desperdício de vida em troca de nada.

A questão não é saber quem é mais importante, Jesus ou os pobres, mais o “sempre” e “nem sempre”. Para os pobres, que sempre vão estar por perto, haverá outras oportunidades, outras páscoas. Eles poderão receber ajuda todos os dias e em todos os momentos. Mas, em relação a Jesus, não haverá outra oportunidade. E a mulher não perdeu o momento, não deixou para depois, não pensou duas vezes, fez tudo o que estava ao seu alcance.<sup>103</sup>

O “sempre” e “nem sempre” nos lembra o questionamento feito a Jesus sobre o jejum. Queriam saber por que os discípulos de João e dos fariseus jejuavam e os dele não. Jesus afirma que quando o noivo não estiver mais presente, eles jejuarão (Mc 2,18-22). Com a presença de Jesus, não precisam jejuar, poderão jejuar no futuro quando ele não estiver mais por perto.<sup>104</sup> “[...] a tradição falaria originariamente da importância insubstituível da presença de Jesus, como a passagem do esposo (2,19). Jesus e a sua presença são a coisa mais importante”.<sup>105</sup> Agora, no momento presente, devem aproveitá-lo, fazer festa e oferecer a ele tudo que pode e têm de melhor, como a mulher fez. Com os pobres é diferente: eles estão e estarão sempre presentes, e não faltará oportunidade de fazer-lhes caridade. E mais, o amor e a vida de Jesus foram oferecidos em favor de todos, para que houvesse mais vida e partilha entre os mais pobres. Estava em Betânia, casa dos pobres e com os pobres, como não ser a favor deles!

<sup>101</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**: vol 1: Mateus, Marcos. São Paulo, Hagnos, 2002, p.777.

<sup>102</sup> CHAMPLIN, 2002, p. 777.

<sup>103</sup> SMITH, disponível em: <[www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9](http://www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9)>. Acesso 06 out.2010.

<sup>104</sup> MALZONI, 2010, p. 57.

<sup>105</sup> SCHREINER, 1977, p. 235.

No Antigo Testamento, há um texto que afirma: “Nunca deixará de haver pobres na terra; é por isso que eu te ordeno: abre a mão em favor do teu irmão, do teu humilde e do teu pobre em tua terra” (Dt 15,11). E no mesmo livro de Deuteronômio, encontramos uma variedade de legislações sobre os mais diversos assuntos, na tentativa de estimular uma organização fraterna entre os povos que diminuísse ou extinguisse a pobreza da terra (Dt 12-26). Mas nem toda legislação em Deuteronômio e as existentes hoje foram capazes de fazer desaparecer os pobres e dar-lhes vida mais digna. Continuam sendo vítimas de injustiça, do direito e da falta de partilha.<sup>106</sup>

Ao valorizar o gesto da mulher, Jesus faz referência à sua morte, quando diz que a ação dela antecipou a unção de seu corpo para a sepultura, “expressos com o termo ἐνταφιασμός. Trata-se de um substantivo derivado de θάπτω, que significa *sepultar, embalsamar*”.<sup>107</sup> Em si, ἐνταφιασμός pode significar tanto a preparação para o sepultamento como o próprio sepultamento”.<sup>108</sup> E D. J. Harrington diz que a unção da mulher tem a ver com o reconhecimento de Jesus como Messias. E continua: “o v.8 apresenta apenas uma interpretação secundária que relaciona a unção com a morte de Jesus. Teríamos, assim, o Messias (= Ungido) que é ungido para o seu sepultamento ao iniciar sua paixão”.<sup>109</sup>

Nas reflexões feitas até aqui, fica uma pergunta: a ação da mulher de derramar perfume na cabeça de Jesus é reconhecimento de que ele é o Messias? O que temos de concreto são os textos bíblicos já relacionados anteriormente sobre as várias formas de unções que aconteciam no AT. Entre elas aparece como o rei Davi foi ungido na cabeça por Samuel em um contexto de refeição (1Sm 16,1-13), semelhantemente ao ato realizado pela mulher da nossa perícopes (14,3-9). Mas Jesus declara que o gesto da mulher, além de ser boa ação, foi uma unção antecipada de seu corpo para a sepultura. O verbo de nossa perícopes que se refere à antecipação é “προλαμβάνω, que significa *receber antecipadamente, e daí fazer algo antes do tempo previsto*”.<sup>110</sup>

Ainda sobre o messianismo de Jesus: quando ele foi batizado no Jordão, os textos dizem que ele recebeu o Espírito e que houve uma voz do céu que dizia ser ele o Filho amado. Para alguns estudiosos, Jesus foi ungido neste momento (Mc 1,9-13). Os que fazem essa análise lêem Marcos à luz de At 10,38: “como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder, e ele passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo,

<sup>106</sup> MALZONI, 2010, p. 58.

<sup>107</sup> ZERWICK and GROSVENORA, 154 apud MALZONI, 2010, p. 64.

<sup>108</sup> BAUER, 268, apud MALZONI, 2010, p. 64.

<sup>109</sup> HARRINGTON, 625 apud MALZONI, 2010, p. 62.

<sup>110</sup> MALZONI, 2010, p. 63.

porque Deus estava com ele”.<sup>111</sup> Também Lc 4,18 refere-se à unção de Jesus com o Espírito Santo. Intriga-nos ver que por várias vezes Jesus admoestou severamente as pessoas que não divulgassem seu messianismo, como por exemplo, na cura de um leproso (1,44); quando cura as pessoas vindas de várias cidades (3,12); quando ressuscita a filha de Jairo (5,43); na cura de um surdo-gago (7,36); quando Pedro professa que ele é o Cristo (8,30); na transfiguração junto com Pedro, Tiago e João (9,6-9). “Mas o próprio Jesus diante da suprema autoridade judaica, o sinédrio, presidido pelo sumo sacerdote, diz abertamente que ele é o Messias, o Filho do Bendito (Deus) (Mc 14,61-62)”.<sup>112</sup> E quando Jesus entrou em Jerusalém, “saudado pela multidão com aclamações que trazem à lembrança não só a esperança messiânica, mas também a entronização ou exaltação real (cf. Mc 4,9-10)”,<sup>113</sup> não estava manifestando abertamente seu messianismo? Era para esse momento especial que Jesus quis que guardassem silêncio?

Diante das expectativas messiânicas que havia no povo da Palestina, tudo leva a crer que Jesus quis agir e se comportar com certa prudência e cautela, guardando seu segredo messiânico, evitando conflitos antecipados com as autoridades do seu tempo. Jesus disse para guardar silêncio “até quando o Filho do Homem tiver ressuscitado dos mortos” (9,9). Jesus era desde o início o Messias esperado, o ungido do Pai? Partindo deste ponto, podemos afirmar que a mulher que derramou perfume sobre ele agiu como uma verdadeira profetiza, reconhecendo Jesus como o Messias esperado por todos.

Continuando, nos deparamos com mais um verbo: *μυρίζω*. Bauer o define de “o ungir das prostitutas”.<sup>114</sup> Mullach<sup>115</sup> nos informa que na literatura grega se usa esse verbo *μυρίζω*, na unção dos mortos. Por outro lado, Moulton diz que no grego moderno *μυρίζω* significa *cheirar*.<sup>116</sup>

Quando falávamos, atrás, nas várias hipóteses sobre a mulher da unção e como conseguiu comprar um perfume de nardo puro e caro, Derrett<sup>117</sup> levantou a hipótese de que poderia ser resultado da vida de prostituição que a mulher levava. E agora Malzoni também coloca a questão: com esse verbo em nosso texto, será que Derrett tinha razão em dizer que a mulher da unção em Betânia era uma ex-prostituta? Mas e quanto à fala de Mullach referindo o uso desse verbo na unção dos mortos? Continuemos atentos para acolher as últimas

<sup>111</sup> SMITH, disponível em: <[www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9](http://www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9)>. Acesso 06 out.2010.

<sup>112</sup> BARBAGLIO, p. 506.

<sup>113</sup> BARBAGLIO, p. 507.

<sup>114</sup> BAUER, 529 apud MALZONI, 2010, p. 63.

<sup>115</sup> MULLACH, 127 apud MALZONI, 2010, p. 63.

<sup>116</sup> MOULTON, 419 apud MILLIGAN, 419 apud MALZONI, 2010, p. 64.

<sup>117</sup> DERRETT, 266-270 apud MALZONI, 2010, p. 52.

palavras de Jesus nessa fase final de nossa perícopie. Como já percebemos, não é tão importante ter palavras seguras, respondendo perguntas, mas ter disposição de continuar a caminhada com os olhos da fé e nessa caminhada, não deixar que o essencial passe despercebido.

#### 1.4.4 Jesus exalta a ação da mulher (v.9)

<p>9. ἀμήν δε λέγω ὑμῖν, ὅπου ἔαν κηρυχθῆ τὸ εὐαγγέλιον εἰς ὅλον τὸν κόσμον, καὶ ὃ ἐποίησεν αὕτη λαληθήσεται εἰς μνημόσυνον αὐτῆς.</p>	<p>9. Amém, digo a vos: onde for proclamado o evangelho, em todo mundo, também o que esta fez será contado em memória dela.</p>
--	---

Chegamos ao v.9 e nos deparamos com a declaração de Jesus ao perceber que a mulher acaba de ungi-lo, versículo este que fecha a narrativa de nossa perícopie.

Na fala de Jesus até aqui, percebemos alguns pontos: Jesus defende a mulher frente aos acusadores, elogia-a, reconhecendo que ela fez o que pôde, dando a ele o que tinha de mais caro. Contudo, Jesus não descartou o compromisso com os pobres e o dever de fazer-lhes caridade quando quisessem, pois eles estariam presentes sempre. Afirmou que ele não estaria sempre presente com eles e esclareceu que o que a mulher fez ao ungi seu corpo foi uma antecipação para seu sepultamento. O que mais ele tem a dizer?

Ainda sob a orientação de Malzoni, faremos considerações sobre algumas palavras gregas. Percebemos que Jesus inicia sua declaração com ἀμήν δε λέγω ὑμῖν, *Amém, eu ainda vos digo*. Amém é uma palavra transliterada do hebraico, אָמֵן = âmên. Essa palavra está presente nos finais de orações em que os presentes, ao dizer amém, confirmam que concordam com o que estão ouvindo. É usada desde o Antigo Testamento, como podemos ver em 1Cr 16,36; Tb 8,8; Jd 15,10. Está presente também no final de alguns livros da Bíblia (Tb, Gl, Ap). A Bíblia de Jerusalém traduz a frase por: “*Em verdade vos digo*”. Ela aparece outras vezes em Marcos. A partir de 14,9, vamos vê-la na boca de Jesus quando ele declara que um dos doze o trairá (14,18), ou quando ele celebra a ceia com os discípulos (14,25), ou ainda quando diz a Pedro que ele o negaria ainda naquela noite (14,30).<sup>118</sup> O amém, da forma usada por Jesus, expressa autoridade, significando que é mesmo digno de fé o que vai falar.

<sup>118</sup> MALZONI, 2010, p. 66-67.

E Jesus continua: “por toda parte onde for proclamado o Evangelho, ao mundo inteiro, também o que ela fez será contado em sua memória”. Utiliza-se nessa frase o verbo κηρυχθῆναι, aoristo subjuntivo passivo de κηρύσσω, proclamar. Ele é usado em relação a várias pessoas que em diversos lugares e de formas variadas proclamam o evangelho. Por exemplo: João Batista proclama o convite ao batismo de conversão (1,4), Jesus proclama o evangelho na Galiléia (1,14); nas aldeias como Cafarnaum (1,38), na sinagoga (1,39). Outras vezes o evangelho é proclamado pelas pessoas que foram curadas por Jesus (1,45). E assim teríamos outros exemplos da proclamação do evangelho em Marcos.<sup>119</sup>

No Antigo Testamento encontramos também esse termo proclamar, espalhados em vários livros, de diversas formas.

O uso de κηρύσσω, *proclamar*, na LXX pressupõe uma ocasião solene e trata-se de uma proclamação pública que deve fazer-se ouvir por todos, por exemplo, a proclamação de um dia de festa (Ex 32,5). Com maior frequência a proclamação parte do rei que convoca uma assembléia (2Rs 10,20), um jejum (2Cr 20,3; Jn 3,7), [...] convoca para a guerra (Jl 4,9), ou anuncia a libertação de prisioneiros de guerra (Is 61,1). [...] ou a alegria pela salvação de Jerusalém (Sf 3,14).<sup>120</sup>

O evangelho de Marcos inicia com frase “princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (1,1). O evangelho é boa notícia, não de qualquer rei, mas de Jesus Cristo. Na nossa perícopes, aparecem os termos κηρύσσω, proclamar e εὐαγγέλιον, evangelho. É Jesus que afirma sobre a expansão da proclamação do evangelho. E afirmamos, junto com Malzoni, que o v. 9 “está vinculado ao tema central do escrito marcano. [...] é inaugurada por Jesus na Galiléia. [...] intimamente unido à sua pessoa. Sua morte e sua ressurreição abrem um novo tempo: o da proclamação do evangelho em todo o mundo”.<sup>121</sup> Jesus acredita que seu evangelho se espalharia pelo mundo todo. Ele ia ser morto e enterrado, mas o seu evangelho não. Acreditava que ressuscitaria quando garantiu aos três apóstolos na transfiguração “[...] até que o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos” (9,9). “Quando e onde a morte salvadora de Jesus for contada, para sempre fará parte da narrativa o que esta mulher fez”.<sup>122</sup> Sua ação se tornará um memorial, para sempre. É uma aliança que ela está selando com Deus, e Jesus é o representante, o mediador dessa aliança.<sup>123</sup>

<sup>119</sup> BibleWorks 07.

<sup>120</sup> MALZONI, 2010, p. 69.

<sup>121</sup> MALZONI, 2010, p. 71.

<sup>122</sup> POHL, 1998, p. 391.

<sup>123</sup> SMITH, disponível em: <[www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9](http://www.timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9)>. Acesso 06 out.2010.

Por falarmos em memorial, voltemos ao livro do Êxodo 12,14; 13,9; 28,12. Nesses textos foi realizado um memorial, selada uma aliança entre o povo e Deus para sempre. Essa Aliança nunca foi quebrada, não porque o povo é bom, mas porque Deus é fiel.

Ainda podemos analisar dois pontos no fim desse relato. A palavra e a ação. A palavra nem sempre é de confiança. A princípio ela é positiva, expressa, informa, confirma, promete em um determinado momento de euforia, de alegria. Mas exemplos mostraram e continuam mostrando que quando a euforia passa e a dificuldade se manifesta, as palavras ditas no passado ficam no esquecimento. Alguns exemplos de incoerência com palavras ditas se encontram em Marcos 4,16-17; 6,20; 12,37; 14,11. Encontramos também passagens bíblicas em que os espíritos imundos também foram capazes de reconhecer Jesus e proclamá-lo como Filho de Deus, mas não passou de palavras (1,24; 5,7). Pedro também utilizou palavras e confessou que Jesus é o Cristo, mas em situação de crise e medo, diante de uma criada do sumo sacerdote, nega conhecer Jesus (14,66-72).

Muitos seguidores não compreenderam o verdadeiro significado do discipulado de Jesus. Mesmo com toda a informação recebida de Jesus sobre sua morte e ressurreição, não conseguiram entender a mensagem. Judas o traiu, Pedro o negou e todos os outros fugiram. “Os discípulos varões não seguem Jesus em sua caminhada para cruz por medo de ariscarem a vida, o grupo das discípulas mulheres é o paradigma do verdadeiro discipulado”.<sup>124</sup>

Temos algumas passagens no evangelho de Marcos que se referem à presença de três discípulos em determinados acontecimentos: Pedro, Tiago e João estiveram presente com Jesus em alguns momentos importantes: na ressurreição da filha de Jairo (5,37); na Transfiguração (9,2) e no Getsêmani (14,33). No momento mais difícil que Jesus estava passando, foram três também os que estavam juntos dele. Só que desta vez, não eram mais os homens, e sim, mulheres, ou seja, Maria Madalena, Maria e Salomé (15,40). Pelo fato delas não terem fugido, se tornaram as testemunhas oculares da tortura e morte de Jesus e do lugar onde colocaram seu corpo. Podemos assegurar que as mulheres participaram ativamente do movimento de Jesus como verdadeiras discípulas. “O fato de três serem nomeadas demonstra sua liderança, assim como as coloca em paralelo com o círculo menor dos três discípulos mais chegados a Jesus”.<sup>125</sup>

Em contraste com a palavra temos a ação. E até dizemos que um gesto vale por mil palavras. E todo o mal estar que vimos no estudo de nossa perícópe foi devido a uma ação realizada por uma mulher anônima. Ela não usou palavra, não disse uma sequer. Usou o que

<sup>124</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 365.

<sup>125</sup> TEPEDINO, 1990, p. 93.

era seu, um perfume, e com ele realizou o gesto de derramá-lo na cabeça de Jesus. Foi a maior demonstração de amor em um momento de grande crise na vida dele. O gesto dela foi superior às palavras. Foi ela, com seu silêncio, e não Pedro, com sua declaração “Tu és o Cristo”, que reconheceu o messianismo de Jesus antes da cruz, e que acreditava também que seu messianismo o levaria ao sofrimento e à morte.<sup>126</sup>

Chegando ao final de nossa reflexão sobre os versículos, a mensagem de que o Messias que seguimos abraçou com liberdade a cruz, apostando que a vida nasce da terra, da lama, do aparente nada, e quando realmente se torna nada, é de lá que ela renasce. A exemplo dessa mulher, confiemos nesse Messias. Ele exige pouco, só o que se pode dar, mas quando oferecido, seja feito sem reservas.

Jesus esteve na casa, com leprosos, mulheres, doentes, e essas categorias de pessoas continuam nas casas ainda. Quando se vai só ao Templo, e não às casas, fica uma grande lacuna. Quando as pessoas não tinham acesso ao templo, Jesus levou o templo até eles, e elas foram capazes de ver nele o que os do templo não viram. As palavras finais de Jesus, que o evangelho atingiria o mundo todo, e, com ele, o que a mulher fez, são provas de que o silêncio também é evangelho; o não dito é também evangelho, os gestos também são mensagens evangélicas, que mais do que nunca o mundo hoje precisa. Vamos diminuir a fila dos que calculam e engrossar a dos que generosamente se entregam com o que têm. Não vamos continuar lamentando que no anúncio do evangelho, o nome da mulher da unção ainda continua ausente e desconhecido, enquanto Pedro, que negou e fugiu, se tornou o chefe, e tem o nome conhecido por todos. Até mesmo Judas Iscariote, que o traiu, é lembrado, e todos conhecem sua história com detalhes. É assim que sempre funcionou. Nem Jesus conseguiu reverter os fatos! Suas ações libertadoras e transformadoras, que só fizeram o bem a todos que dele se aproximaram, incluindo a todos, só foram reconhecidas como sinais messiânicos antes de sua morte e ressurreição, pela mulher de Betânia que lhe oferece seu precioso perfume!

As mulheres passaram despercebidas aos olhares da sociedade da época de Jesus e mesmo quando o seguiram, nos diferentes ambientes e lugares por onde andou. Mas não passaram despercebidas aos olhares de Jesus. No momento crucial de sua vida, elas estavam lá e foram brilhantes com sua presença e seu silêncio. Foram capazes de honrar até o fim aquele que foi rejeitado e abandonado pelos homens e seus discípulos.<sup>127</sup>

---

<sup>126</sup> MENOR, Mitzi. The Women of the gospel of Mark and Comtemporany Women’s Spirituality. Disponível em: <[www.spiritualitytoday.org/spir2day/91432minor.html](http://www.spiritualitytoday.org/spir2day/91432minor.html)>. Acesso em: 06 out. 2009.

<sup>127</sup> GNILKA, 1986 p. 264-265.

## 2 - A PROCLAMAÇÃO DE JESUS ÀS MULHERES

### 2.1 A mulher no judaísmo.

Vimos no capítulo anterior o protagonismo de uma mulher anônima, que rompe paradigmas e proclama a Jesus como Messias que caminha em direção à cruz. No presente capítulo, pretendemos esboçar um quadro da proclamação de Jesus, que anuncia o Reino de Deus como uma boa nova para as pessoas que vivem à margem da sociedade e da própria religião. No centro de nossa atenção estará a situação das mulheres e a forma como Jesus as incorpora em seu movimento, ajudando-as a libertar-se de sua situação opressiva e concedendo a elas o protagonismo em seu movimento.

A sociedade judaica patriarcal<sup>128</sup> onde Jesus nasceu, cresceu, viveu e da qual fazia parte, estava repleto de estereótipos em relação à mulher. Era uma mensagem transmitida durante séculos. Jesus, com certeza, foi advertido muitas vezes dos cuidados que deveria ter em relação à mulher. Ele não se deixou influenciar por esses estereótipos. Na sua convivência, interagiu com todas as pessoas, de modo especial com os doentes, aleijados, mulheres, etc. Todos diante dele tinham o mesmo valor enquanto pessoas humanas e filhos de Deus. A mensagem do Reino, que contém vida e esperança, foi dirigida a todos, de forma inclusiva.<sup>129</sup>

#### 2.1.1 Situação patriarcal

As tradições palestinese e babilônica dos rabinos foram transmitidas primeiramente de forma oral e depois codificadas na Mishná.<sup>130</sup> Posteriormente os rabinos elaboraram

---

<sup>128</sup> Patriarcalismo é uma forma de organização de vida, seja na família ou em sociedade, em que o poder está centrado num “pai”, o macho, que prevalece sobre a fêmea. Esse modelo teve início na Grécia e teoricamente teve seu fim com a Revolução Francesa, com as expressões: liberdade, igualdade e fraternidade. Ele permanece sempre que um líder centraliza as funções e organizações de um grupo ou instituição, em que as relações humanas são desiguais e hierarquizadas, se colocando superior frente aos demais. (cf. Moore Jr Barrington. **As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia**. Disponível em: <[www.scribd.com/doc/2326559/O-que-e-patriarcalismo-e-quais-suas-influencias-nos-dias-atuais](http://www.scribd.com/doc/2326559/O-que-e-patriarcalismo-e-quais-suas-influencias-nos-dias-atuais)>. Acesso em: 30 maio 2011.

<sup>129</sup> JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 474.

<sup>130</sup> Mishná (em hebraico מִשְׁנָה = ‘repetição’). O primeiro grande escrito das tradições orais do judaísmo, chamada ‘Torá Oral’ (220 d.C.). Texto judaico. Disponível em:<[www.wikipedia.org/wiki/Mishnah](http://www.wikipedia.org/wiki/Mishnah)>. Acesso em: 12 jun. 2011.



comentário piedosos da Escritura, que receberam o nome de midrash.<sup>131</sup> Todas essas fontes contêm muitos dados sobre a questão da mulher.<sup>132</sup>

Entre as passagens bíblicas que submetem a mulher ao homem, relembramos o mito de Adão e Eva em Gn 2,7-23, que influenciou e ainda pode influenciar hoje a visão negativa sobre a mulher. O texto diz que o homem é criado por Deus, provém do Divino, mas a mulher não. Ela foi tirada do homem, deve estar subjugada a ele, pois passou a existir a partir dele. E para piorar mais a situação da mulher, em Gn 3,1ss se diz que foi ela quem se deixou seduzir pela serpente, comeu do fruto proibido e levou o homem a comê-lo. Por essa desobediência, ambos foram expulsos do “paraíso”, juntamente com toda a humanidade. Longe da mulher ser uma ajuda ao homem, ela é fonte de tentação e pecado. Eram essas e muitas outras as imagens passadas de geração em geração a respeito da mulher. Provavelmente Jesus cresceu ouvindo tudo isso desde criança.<sup>133</sup>

O patriarcalismo pode ter influência ainda hoje em nossa sociedade. Ele age na vida das pessoas de forma silenciosa e bem disfarçada. Exemplo bem simples: quando, no casamento, a mulher aceita o sobrenome do homem em detrimento do seu, isso pode ser uma forma disfarçada de patriarcalismo e de posse por parte do homem sobre a mulher. Para todos isso é normal, pois foi sempre assim. Ninguém questiona o costume e a mulher aceita com muito orgulho essa mudança.

Outro dado que reforça o patriarcalismo e que passa despercebido “é a projeção do gênero masculino em Deus”. Todos os representantes de Deus aqui na terra, que constam na história da salvação, foram figuras masculinas: “patriarcas, reis, profetas, sacerdotes”. E mais “[...] Jesus, o Filho de Deus se encarna num homem e trata Deus como Pai”.<sup>134</sup> Onde ficaram as matriarcas, integrantes importantes nessa história de libertação do povo de Deus? Débora, foi porta-voz de Deus para o povo, não hesitou em acompanhar um exército para a guerra com Barac (Jz 4,8-10). Ao voltar vitoriosa da guerra, ela foi chamada de “mãe em Israel” (Jz 5,7). Rute foi mulher determinada e corajosa na luta pela justiça e resgate da vida (Rt 3). Onde está a memória dessas e de tantas outras mulheres que fizeram diferença na nossa história? Antes de mostrar o resgate que Jesus faz da vida e da história das mulheres, caracterizemos brevemente a situação das mulheres na sociedade de seu tempo.

---

<sup>131</sup> Midrash (do **hebraico** מדרש) é uma forma narrativa criada por volta do século I a.C. em **Israel** pelo povo **judeu**. Esta forma narrativa desenvolveu-se através da **tradição oral** (ver **Talmud**) até ter a sua primeira compilação apenas por volta do ano **500 d.C.**. Disponível em: <[www.wikipedia.org/wiki/Midrash](http://www.wikipedia.org/wiki/Midrash)>. Acesso em: 12 jun. 2011.

<sup>132</sup> TEPEDINO, 1990, p. 67.

<sup>133</sup> PAGOLA, 2010, p. 256.

<sup>134</sup> BOFF, Leonardo apud TEPEDINO, 1990, p. 67.

### 2.1.2 A mulher na religião

O homem era o protagonista da religião judaica. A mulher ficava em situação inferior. Mesmo que houvesse cem mulheres na sinagoga, se não estivessem dez homens presentes, não acontecia a celebração. Além de serem consideradas impuras e inclinadas ao pecado, não eram contadas como pessoas capazes de ter opinião e vontade própria. Só o homem tinha obrigação com a lei, de pronunciar a ação de graças à mesa nas refeições e de oferecer as oferendas do sacrifício. Não era necessário para elas “peregrinar até Jerusalém nas festas da Páscoa, de Pentecostes ou das Tendias. [...] Não era necessário iniciar as mulheres na Torá”.<sup>135</sup> Outro fator que reforçava o protagonismo do varão na religião era o ritual da circuncisão. Esse ritual incluía o menino macho como membro do povo da aliança. A mulher estava fora dessa inclusão diante da lei. Era tão desprezível ser mulher, que o varão judeu agradecia todos os dias a Deus com essa prece: “Eu te bendigo, Senhor nosso Deus, porque não me fizeste mulher”.<sup>136</sup>

A mulher valia por sua capacidade de reproduzir e ser mãe. Os textos bíblicos nos confirmam isso (Dt 25,5; Gn 24,60; Lv 19,31; lSm 1,6; Sl 113,9). Quando não exercia esse papel, se fosse estéril (e às vezes nem era ela a culpada), era pior o seu destino de mulher (Gn 29,21-30,24). E mais, a menstruação a tornava impura durante sete dias por mês (Lv 15,19-24), e impuro ficava tudo que ela tocasse, tanto objetos quanto pessoas. Quando dava à luz, os dias de sua impureza eram mais numerosos. Se desse à luz a um menino, ela ficava impura por 40 dias, e se fosse menina, 80 dias (Lv 12,1-8; Lc 2,22). Era nessa ocasião que tinha o dever de ir ao templo para se purificar. Isso cada vez reforçava na mulher o sentimento de inferioridade em relação ao homem. Distante de Deus pelo seu estado quase constante de impureza, ela não podia aproximar dele no templo, lugar exclusivo de sua morada.

### 2.1.3 A mulher no âmbito da casa

Uma filha é para o pai tesouro enganoso. A preocupação por ela rouba-lhe o sono. Se jovem, porque não se casa, se casada para que não seja repudiada, se donzela porque a seduzem, se casada para que não seja infiel, em casa para que não fique grávida, na casa do marido para que não fique estéril (Eclesiástico 42,9-10).

<sup>135</sup> PAGOLA, 2010, p. 258-259.

<sup>136</sup> CASONATTO, Odalberto D; VIEBRANTZ, Rosalir. **Jesus E As Mulheres: A Mulher Nos Evangelhos Sinóticos**. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/evangelho-artigos/jesus-e-as-mulheres-a-mulher-nos-evangelhos-sinoticos-1655582.html>>. Acesso em: 5 out. 2010.

O texto do Eclesiástico retrata um pouco como a mulher era vista. A menina era considerada adulta e apta ao casamento a partir dos doze anos e meio de idade. O pai era o responsável para arrumar o noivo, independentemente da vontade da filha, e ela não podia dizer não, quando o noivo lhe era apresentado. O noivado era marcado com o pagamento de uma quantia ao pai da noiva. A partir do casamento, ela deixava de ser posse do pai para ser do marido. Por estar “a serviço deste o chamava ba`ali, ‘meu senhor’. O marido podia repudiá-la ou devolvê-la ao pai por qualquer motivo”.<sup>137</sup> A poligamia para o homem era permitida, a mulher tinha que conviver com essa discriminação (Dt 24,1-4). Eram deveres da mulher e não do homem os serviços da casa: moer o trigo, cozer o pão, cozinhar, tecer, fiar, lavar o rosto, as mãos e os pés de seu homem”.<sup>138</sup> Além de ter que satisfazê-lo sexualmente, tinha a função de manter o clima religioso e familiar dentro da casa. Os judeus aderiram a essa lei. “[...]: ela deve agradar ao homem [...]. A mulher é claramente definida como um objeto de consumo para o homem e como um bem que lhe pertence”.<sup>139</sup>

#### 2.1.4 A mulher na vida pública

O lugar adequado para a mulher, solteira ou casada, era dentro de casa. Caso necessitasse sair em público, o rosto devia estar coberto com véu que ocultasse os traços de seu rosto. A não observância dessa norma dava ao marido o direito de expulsá-la ou devolvê-la para seu pai, acusada de adultério. Ao devolvê-la, o marido não era obrigado pagar o valor do contrato do matrimônio. “Somente no dia do casamento, a esposa, se fosse virgem e não viúva, aparecia de cabeça descoberta no cortejo”<sup>140</sup>. Ela não podia estar sozinha no campo, nem falar em público com pessoa estranha, principalmente com homem (Jo 4,27).

Desde o nascimento, a menina já era um pesadelo para a família e principalmente para o pai, como vimos no texto antes citado no Eclesiástico.

As leis do Antigo Testamento confiadas a Moisés no Sinai (Êx 20,1-17), no Horeb (Dt 5,1-21), legalizavam a inferioridade da mulher. Ela era parte dos objetos pertencentes ao homem, como propriedade, coisa que se negocia, sem direitos de ser ela mesma. Sempre precisava de alguém como vigia, guarda e protetor. E mais, ela era afetada pelas proibições da lei, tanto civil ou criminal. Se desviasse do caminho traçado, estava correndo sérios riscos (cf.

<sup>137</sup> TEPEDINO, 1990, p. 69.

<sup>138</sup> PAGOLA, 2010, p. 257.

<sup>139</sup> GANGE, Françoise. **Jesus e as Mulheres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 27

<sup>140</sup> JEREMIAS, 1983, p. 474.

Jo 8,1-5). Essas normas faziam delas marionetes nas mãos dos machos, que agiam como seus verdadeiros donos e senhores.

Como em toda regra, há exceções. Essa observância rígida era driblada por algumas mulheres em Israel, que ousaram ir além dos preconceitos e da própria lei. Algumas realizaram ações grandiosas e de destaque na sociedade patriarcal. Já foi mencionado o nome de Débora (Jz 2,7-10), Rute (Rt 3) e tantas outras que tiveram presença significativa na vida do povo. Tem ainda a figura da “rainha Alexandra que, durante nove anos (74-67 a.C.), com prudência e energia, manteve nas mãos as rédeas do poder [...]”.<sup>141</sup> Esse fato mostra que ela não estava presa a estes costumes judaicos e que era capaz de realizar atividades atribuídas apenas a homens. Outro exemplo é o da filha de Herodíades, que dança para os convidados do rei Herodes Antipas<sup>142</sup> (Mc 6,22; Mt 14,6). Algumas mulheres de fato não ficaram presas às leis que oprimiam, discriminavam e negavam seu potencial feminino.

A história nos conta que nas classes populares havia uma certa liberdade e menos rigor em relação à lei. Essas mulheres colaboravam nos trabalhos do campo com seus maridos.<sup>143</sup> A mulher “plantava, colhia, moia o trigo, a cevada e outros cereais. Preparava o pão, buscava água nas fontes e poços. Fiava e tecia o linho e a lã para fazer roupas, cuidava da família e educava os filhos”.<sup>144</sup>

Os relatos sobre as mulheres no Novo Testamento são um pouco contraditórios quando se referem às mulheres. Vimos leis rígidas dirigidas a elas. Em alguns casos elas estavam em total submissão. Em outros casos, elas podiam agir com total liberdade e a rigidez da lei era eliminada.<sup>145</sup> Veremos a seguir que algumas mulheres foram livres para aderir ao grupo de Jesus e fazer parte do seu discipulado.

## 2.2 JESUS E AS MULHERES

### 2.2.1 O acolhimento aos marginalizados

Grande parte das pessoas que viviam em torno de Jesus eram os pobres e as mulheres. Jesus acolhia a todos com muito amor. Através dos acontecimentos e das

<sup>141</sup> JEREMIAS, 1983, p. 476.

<sup>142</sup> JEREMIAS, 1983, p. 476.

<sup>143</sup> JEREMIAS, 1983, p. 477.

<sup>144</sup> CASONATTO, disponível em: <<http://www.artigonal.com/evangelho-artigos/jesus-e-as-mulheres-a-mulher-nos-evangelhos-sinoticos-1655582.html>>. Acesso em: 5 out. 2010.

<sup>145</sup> SCHOTTROFF, Luise. **Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista**. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 20.

experiências de estar junto desse povo, Jesus vai percebendo o quanto precisava tornar visível e acolhido o projeto do reino de Deus entre eles. Este projeto só se realiza com amor e solidariedade, onde todos se relacionam como iguais. Jesus ensina as pessoas a ter atitudes diferentes em relação a tudo e a todos. Inclui na sua convivência todas as pessoas, sem distinção: pagãos (Mc 7,24-30), cegos ( Mc 8,22-26; 10,46-52), leprosos (Lc 17,11-19; Mc 1,40-45), pecadores/as (Mc 2,15-17), doentes (Lc 5,31; Mc 2,17), etc. Acolhe, toca, cura, e reintegra-os à convivência familiar e comunitária.

Com seu jeito de ser e viver, Jesus atrai em torno de si pessoas que antes não haviam tido oportunidade de fazer parte de nenhum grupo. No seu grupo, essas pessoas desenvolvem um diferencial. As relações eram de igualdade, independentemente de gênero, classe e etnia. Era de fato um movimento revolucionário e carismático, do qual as mulheres faziam parte de forma ativa. Antes elas eram vistas como pecadoras, impuras, doentes. No encontro singular com Jesus, de coração para coração, descobrem a alegria de viver, a dignidade de pessoas humanas e de filhas de Deus. Contagiadas pelo amor nunca vivido antes, elas não mediam esforços para fazer parte da caminhada com Jesus. É de dentro do coração que sai a força propulsora de vida que atinge outros corações. Só Jesus, com seu amor, foi capaz de tocar e mudar tantas vidas, que jaziam no vale das trevas e da morte, machucadas por séculos de opressão.

Jesus era bem informado a respeito das leis e as praticou. Mas as usou para seu próprio conhecimento e libertação interior, nunca para condenar e excluir ninguém e muito menos a mulher. Fez a experiência da solidariedade empática de vida com elas, acolhendo-as e sofrendo suas dores. Com essa experiência, foi impossível dirigir-lhes qualquer julgamento. “Aprendemos a julgar o outro para não termos que sofrer sua dor”.<sup>146</sup> Jesus preferiu sofrer com as mulheres à julgá-las ou discriminá-las. E junto delas foi amigo, irmão, terapeuta. Cada gestos e palavras que saiam de sua boca em relação a elas repercutia como bálsamo em suas vidas. E nessa convivência jamais deixou transparecer atitudes de precauções contra elas. Sempre as tratou com respeito, compaixão e simpatia.<sup>147</sup>

Jesus foi um mestre totalmente diferente. Com sua humanidade, faz-se amigo de todos. Era de uma ternura e amabilidade nunca vistas antes. Contagiava seus seguidores com valores humanos e divinos. Abria mentes e corações e as pessoas tomavam consciência de que o mundo é bem maior que o espaço de suas casas. Nas mulheres crescia o sentimento de valorização e auto-estima, ao serem vistas como algo mais que um útero gerador. Era

---

<sup>146</sup> LELOUP, Jean-Yves. **Judas e Jesus**: duas faces de uma única revelação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 65.

<sup>147</sup> PAGOLA, 2010, p. 262.

fascinante seguir o exemplo desse mestre que alargou seus horizontes! E sem hesitar elas deixam tudo e se colocam a caminho com ele. Naquela sociedade patriarcal, “era inconcebível [...] um rabi ter mulheres que o seguiam, abandonando seus lares para acompanhá-lo na missão itinerante”.<sup>148</sup> Com Jesus não havia mais o impossível, o sonho poderia tornar-se realidade. “Algumas mulheres que haviam sido curadas de espírito maligno e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que o serviam com seus bens” (Lc 8,2-3). Essas e tantas outras mulheres engrossaram a fila do seguimento de Jesus

Com muita liberdade interior, Jesus vai quebrando o jugo que pesava sobre as pessoas desprotegidas do convívio e das relações sociais. É convicto de que a impureza sai do interior das pessoas. “Ele dizia: O que sai do homem é isso que o torna impuro” (Mc 7,20). Não se deixa intimidar com os olhares reprovativos dos chefes religiosos que não acolhem suas ações. Cura, ressuscita, liberta, devolve esperança aos corações antes angustiados e desesperados. Colocou a vida sempre em primeiro lugar, acima da lei e dos preconceitos legais. Fala com uma mulher sozinha, o que pela Lei não era permitido, causando espanto até para seus discípulos (Jo 4,27), perdoa a pecadora adúltera (Jo 8,1ss), vai à casa de pecadores (Lc 19,1ss), etc.

A solidariedade, acolhida e comunhão de vida que Jesus teve com todos se expandem rapidamente entre outros povos. Constatamos esse dado num diálogo entre Jesus e uma mulher gentia (Mc 7,24-30). Esse fato acontece em uma casa. Como vimos no capítulo anterior, a casa era espaço privilegiado de Jesus, lugar reservado para maior esclarecimento, convivência, aprendizagem. Ela pode representar também o espaço cultural de um povo, clamando por inclusão cultural, social, religiosa, de gênero, etc. A figura destacada de uma mulher pode representar todo um grupo ou um povo querendo ser reconhecido como pessoa.<sup>149</sup> E Jesus começa a perceber que é necessário “derrubar fronteiras e construir pontes. Eliminar a discriminação”.<sup>150</sup> Era necessário estar junto para ouvir os vários gritos. A insistência daquela mulher ou daquele grupo era pelas migalhas, em contraste com a abundância oferecida aos israelitas. Não clamava para sentar à mesa e partilhar do pão, estaria feliz com as migalhas da mesa. A força do argumento da mulher é superior à resistência de Jesus. Ela usa o dito parabólico que Jesus dirigiu a ela: (não é bom tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos) e o devolve com tamanha sabedoria, que Jesus se deixa convencer:

<sup>148</sup> TEPEDINO, 1990, p. 83.

<sup>149</sup> REIMER, Ivoni Richter. Para memória delas: textos e interpretações na (re)construção de cristianismos originários. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 50, n. 1, p. 41-53, 2010, p. 47.

<sup>150</sup> PAGOLA, 2010, p. 570.

“É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as migalhas dos filhos!” Dentre todos os diálogos de controvérsia, neste, Jesus não teve a última palavra!<sup>151</sup> Essa mulher não judia, com sua resposta sábia e audaciosa, ajuda Jesus a mudar de paradigma, a alargar as estacas de sua tenda e a partilhar a mesa com os pagãos. “A mulher sirofenícia, cujo argumento acertado abriu um futuro de liberdade e completude para sua filha, tornou-se também a advogada, historicamente ainda visível, desse futuro para os gentios”.<sup>152</sup>

Outro exemplo de presença transformadora e libertadora é com a mulher hemorroíssa (5,25-34). A vitória aconteceu quando Jesus toma a decisão de ir para o outro lado do lago. Quase sempre do outro lado, seja do lago, da rua, etc, tem algo novo. Esse acontecimento é o recheio de mais um modelo “sanduíche” usado por Marcos. A cena está no centro da história de Jesus com Jairo, quando Jesus está a caminho da casa do chefe da sinagoga para curar sua filha (5,21-24; 35-43). São duas histórias intercaladas. De um lado uma mulher jovem, porém em idade de casamento. Já dissemos que com doze anos e meio a menina estava apta ao matrimônio. E Jesus foi procurado por seu pai, porque ela estava morrendo. Duas mulheres morrendo: A menina de doze anos, no início de seu período fértil, e outra, há doze anos impossibilitada de gerar pela sua doença. “Ela não devia mesmo se misturar com as pessoas e nem tocar intencionalmente alguém, pois o tornaria impuro”.<sup>153</sup> É uma mulher que sofria há doze anos com hemorragia, e que não tinha mais recursos humanos para buscar a saúde. Tudo que possuía, tinha gastado com médicos. A última esperança para ela era Jesus. Ela queria encontrar novamente a vida para si. Como chegar até Jesus, se não podia nem sair de casa? A mulher sempre busca uma alternativa, quando o caminho parece se fechar. Sem que ninguém percebesse, ela se coloca no meio da multidão com seu desejo imenso de tocar Jesus e ficar curada. Afinal, todos queriam estar perto de Jesus e vê-lo. E ela se coloca nessa aventura, uma vez que não lhe restava outra alternativa. “Se ao menos tocar suas roupas serei salva!” (Mc 5,28) Enche-se de coragem, sente que não pode perder essa oportunidade. Ela tem que lutar para chegar perto de Jesus e conseguir o que há anos buscava. Com seu gesto audacioso, faz o que o coração pede. E no mesmo instante sente uma força que invade seu ser. Percebe que ficou curada. Pronto, é só se retirar em paz e em silêncio. Mas a sensibilidade de Jesus não a deixa ficar no escondido, no anonimato. Se ela sentiu a força invadindo seu ser, Jesus sentiu também uma energia de vida que saiu de si. Foi uma experiência incrível e diferente que lhe ocorreu. Ele quer saber quem fez isso com ele, quem

---

<sup>151</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 172.

<sup>152</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 173.

<sup>153</sup> MENOR, disponível em: <<http://www.spiritualitytoday.org/spir2day/91432minor.html>>. Acesso em: 06 de out. 2009.

invadiu seu íntimo e foi capaz de lhe retirar tanta energia! Por outro lado, que homem é esse, que mesmo em meio à multidão é capaz de perceber que foi tocado em suas vestes, e mais, de um jeito diferente? Lança a pergunta: “Quem tocou minhas roupas?” (Mc 5,30). Se alguém foi capaz de tanta audácia e fé, não pode ficar no anonimato. A pergunta não era para criar constrangimento, mas para valorizar e elevá-la pelo que acabara de fazer. A observação de Jesus deixa a mulher, a princípio, em situação constrangedora e de risco. Uma mulher com hemorragia deveria estar em casa, segundo a lei judaica. A mulher, não tendo nada a perder, confessa sua ação. Jesus a acolhe com ternura, elogia sua fé e coragem. Torna pública a história da mulher, não por ter quebrado a lei, mas pela sua audaciosa coragem em ultrapassá-la em busca de vida. Seu gesto vai de encontro com o que Jesus fazia e ensinava.

### 2.2.2 Discipulado de mulheres

O movimento de Jesus foi de renovação dentro do judaísmo. Ele tinha uma prática diferencial de inclusão e resgate dos valores das pessoas, das mulheres e “[...] apresentava uma opção alternativa às estruturas patriarcais dominantes, do que [...] de oposição que rejeitava os valores e a práxis do judaísmo”<sup>154</sup>. Tepedino acrescenta que, além de ser um movimento judeu e de renovação, “era carismático e itinerante e nele as mulheres eram acolhidas”.<sup>155</sup> É marcante esse dado, porque foi de dentro dessa cultura social e religiosa judaica que surge o discipulado de iguais.<sup>156</sup>

Todos que entraram nesse movimento interativo e inclusivo de Jesus experimentaram um Deus amoroso, cheio de misericórdia, um Deus que chama as pessoas marginalizadas na religião e na sociedade, que inclui e acolhe a todos, sem distinção alguma; um Deus inclusivo, independente de nossas ações, e que “faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair à chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45).

Com seu método interativo em relação a todos, destacando as mulheres como participantes ativas de seu grupo, Jesus foi alvo de muitas polêmicas por parte de seus opositores. Todos que passaram por sua vida foram reconhecidos como pessoas humanas, acolhidos e reintegrados ao convívio social: a mulher adúltera (Jo 8,1- 11), a sogra de Pedro (Mc 1,29-31), e tantas mais. Com todos esses, Jesus também teve oportunidade de aprendizagem, como já vimos no diálogo de Jesus com a mulher sírofenícia (Mc 7,24-30).

<sup>154</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 133-136.

<sup>155</sup> TEPEDINO, 1990, p. 82.

<sup>156</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 136



Eram necessários alguns requisitos para o discipulado. “Para ser discípulo de Jesus precisava: chamado, seguimento, serviço, visão, escuta e missão. As mulheres preenchem esses requisitos e se inserem nessa missão, desde a Galiléia até Jerusalém” (Mc 15,40-41).<sup>157</sup>

Os critérios elencados acima não excluem pessoas por seu gênero. Por isso também as mulheres preenchem as condições, tanto quanto os homens (Mc 15,40-41). Quando Jesus estava sendo condenado, torturado, pregado na cruz, quem estava lá junto, arriscando a própria vida? Os discípulos, com medo, ficaram trancados em casa. As mulheres estavam na rua arriscando a vida. Elas foram ao sepulcro, em busca daquele que interagiu com elas e as incluiu em seu grupo! Mais uma vez, lembremos do que nos diz Leloup com muita sabedoria: “a mulher tem a capacidade de estar onde não tem mais nada a fazer”<sup>158</sup>, como estar ao pé da cruz. E, muitas vezes, nesse “nada a fazer”, foram surpreendidas com um novo paradigma. Esse novo só encontra quem de fato busca e acredita além do visível. E foram elas que primeiro tiveram o privilégio de receber a notícia da vida que superou a morte. A visão do inacreditável! “Ele não está aqui, pois ressuscitou, conforme havia dito, [...] depressa, ide dizer aos seus discípulos: Ele ressuscitou de entre os mortos, [...]” (Mt 28,6ss). Ao encontrar-se com a vida de Jesus, elas recebem também a missão de divulgar a boa nova da ressurreição. E elas vão anunciar a mais bela mensagem aos homens medrosos, que ficaram em casa trancados, acreditando no fracasso total de seu Mestre.

A verdadeira compreensão do messianismo de Jesus não nasce da experiência de seus milagres ou de sua pregação pública ou instruções privadas, mas apenas e mediante “tomar a cruz” e segui-lo pelo caminho do sofrimento e da morte”.<sup>159</sup>

A experiência de ouvir as palavras de Jesus, conhecer sua prática libertadora, seu contato com o Pai e os irmãos, abre horizontes e mentes para aderir ao discipulado do qual nos fala Fiorenza. O que não podemos fazer é construir tendas como Pedro o quis no episódio da transfiguração de Jesus (Mc 9,5). Existem milhares de “planícies” à espera da presença de discípulos e discípulas, para caminhar com eles após a experiência do “Tabor”.

A característica do discipulado é o caminho da cruz, com risco da própria vida (Mc 10,40-45). As mulheres que seguem Jesus desde a Galiléia até Jerusalém, e sobem com ele até o Calvário, são de fato modelo de discipulado. Ao presenciar a crucificação de Jesus, elas

---

157 CASONATTO, disponível em: <<http://www.artigonal.com/evangelho-artigos/jesus-e-as-mulheres-a-mulher-nos-evangelhos-sinoticos-1655582.html>>. Acesso em: 5 out. 2010.

158 LELOUP, Jean-Yves. **Caminhos da realização**: dos medos do Eu ao mergulho no ser. Petrópolis: Vozes, 1996, p.147.

159 SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 361.

corriam o risco de serem condenadas à morte, se reconhecidas como seguidoras dele. Os homens fugiram todos (Mc 14,50) “[...], o grupo das discípulas mulheres é o paradigma do verdadeiro discipulado”.<sup>160</sup>

Interessante como os papéis foram invertidos! Antes eram elas que ficavam em casa, não por medo, mais pela imposição da lei. Agora são eles que estão trancados em casa, não pela opressão da lei, mas pelo medo do seguimento de Jesus. Como nos diz Ched Myers: “São estas mulheres, os ‘últimos’ que se tornaram ‘primeiros’, [...]”.<sup>161</sup> Isso pode ser verificado também na parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20,1-16). Segundo Fiorenza, Jesus agiu de forma nunca vista: “fez os últimos iguais a ele”,<sup>162</sup> e os primeiros tiveram dificuldades em aceitar essa nova prática: a inclusão de iguais. As últimas são colocadas na linha de frente, são convocadas à missão de dar a mais bela notícia em toda a história da humanidade: “Ressuscitou, não está aqui” (Mc 16,6). O primeiro encontro do ressuscitado foi com uma mulher (Mc 16,9). Ela recebe o mandato de ir anunciar aos discípulos que ele está vivo!

Voltando ainda ao texto de Marcos 15,40-41, ele fala dessas mulheres que seguiram Jesus desde a Galiléia, até a cruz e destaca o nome de três delas: “Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o Menor e de José, e Salomé.” Mostra que elas exerciam uma certa liderança no movimento de Jesus, certo reconhecimento da parte do grupo ou da comunidade, de modo que não foi possível que seus nomes passassem despercebidos. Elas seguiam e exerciam o ministério do serviço na comunidade de iguais. Vale lembrar as passagens em que Jesus algumas vezes fez referência ao discipulado e às exigências que isso implica (Mt 20,26-28; Mc 9,35; 10,43. 45; Lc 22,26-27). E mais uma vez Fiorenza nos enriquece com seu escrito. Ela diz: “[...] duas mulheres, Maria Madalena e Maria (a mãe) de José, testemunharam o lugar onde Jesus foi sepultado (15,47), e três mulheres recebem a notícia de sua ressurreição (16,1-8)”.<sup>163</sup> E o serviço, a solidariedade, a gratuidade, a coragem de estar lá onde a vida está ameaçada. Elas são as testemunhas oculares de tudo que aconteceu com Jesus.

### 2.2.3 Libertação de estruturas patriarcais

A prática do discipulado de iguais no movimento de Jesus se opunha ao patriarcalismo dominante em Israel. Esse novo jeito de viver foi marcante na vida de todos que faziam parte desse movimento. Jesus cria uma interpretação alternativa da Torá, dando

<sup>160</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 365.

<sup>161</sup> MYERS, 1992, p. 469.

<sup>162</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 165.

<sup>163</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 367.

possibilidade a todos de fazer experiência do amor de Deus e do seu poder salvador. Crescia entre eles a certeza e a esperança de que o reino de Deus era herança deles também. Jesus suscitava nova vida entre os excluídos, principalmente para as mulheres, privadas de ter acesso à presença de Deus no templo e do conhecimento da Torá.<sup>164</sup>

Jesus não se posicionou diretamente contra as estruturas patriarcais. Sua prática inclusiva e libertadora, amiga e defensora dos últimos, põe em crise todos os costumes e tradições de opressão, principalmente da mulher. No grupo que constituiu, promoveu relações de igual dignidade entre homem e mulher.

Confrontado pelos fariseus, Jesus reafirma claramente a presença do androcentrismo patriarcal arraigada em suas vidas. “É lícito ao marido repudiar a mulher?” (Mc 10,1-9). “A pergunta é totalmente machista, porque a mulher não tinha nenhuma possibilidade de repudiar o marido”.<sup>165</sup> Jesus sabia o quanto a mulher sofria com essa atitude machista dos homens. Sabia que a qualquer momento poderia ser repudiada pelo marido. O comportamento de repúdio do homem sobre a mulher era apoiado pela lei: “Se resultar que a mulher não encontra graça a seus olhos, porque descobre nela algo que não lhe agrada, redigirá um certificado de repúdio, o colocará na mão dela e a porá para fora de casa” (Dt 24,1). E no tempo de Jesus, os motivos para o repúdio eram os mais banais, desde apenas ter gostado de outra, ou por ela ter queimado a comida. A mulher vivia constantemente insegura e se sentia obrigada a ter que agradar o marido sempre. Um pequeno deslize, e ela estaria fora, sem nenhum direito.

E Jesus surpreende seus ouvintes com suas sábias respostas. Ele agrada os mais fracos e desprotegidos e cria conflitos com os detentores do poder. Jesus afirma que a lei que legaliza esse direito ao homem é indício de suas atitudes machistas. E continua dizendo que o plano inicial de Deus, ao criar homem e mulher (Gn 1,27), era que ambos fossem “uma só carne” (Gn 2,24), compartilhando amor e vivendo em inteira comunhão de vida, não de domínio de um sobre o outro. E Jesus toma a defesa da mulher em relação aos privilégios dos homens.<sup>166</sup>

Em nenhuma fala de Jesus saiu qualquer depreciação em relação à mulher. Certa vez, do meio do povo, alguém elogia Maria, sua mãe, pelo ventre fecundo que o gerou e os peitos que o amamentaram - qualidades importantíssimas para as mulheres daquele tempo. Jesus não despreza essas qualidades da mulher. Apenas afirma que existem alternativas na vida das

---

<sup>164</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p.177.

<sup>165</sup> PAGOLA, 2010, p. 270.

<sup>166</sup> PAGOLA, 2010, p. 271.

mulheres além de gerar filhos. E acrescenta: “Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam!” (Lc 11,27-28). Essa qualidade está presente não só para o homem, mas também para a mulher. “Discipulado fiel, e não maternidade biológica é a vocação escatológica das mulheres”.<sup>167</sup>

#### 2.2.4 A mulher na Igreja

A mulher precisa continuar descobrindo e assumindo seu lugar, tanto na sociedade como na igreja. Ela deve crescer em autonomia e segurança, libertando-se da tutela do homem. “Somente quando a mulher for reconhecida como parceira igual nos cursos sociais, poderá a nossa sociedade, unilateral, estruturada para o macho, sofrer uma transformação”.<sup>168</sup>

Todo ser humano herdou de Jesus o direito de ser membro ativo na igreja. Já abordamos esse assunto quando falamos sobre o discipulado de iguais. Jesus, na sua convivência, incluiu a todos, e valorizou de modo especial os excluídos e as mulheres. Viu também que a mulher tem habilidade e qualidades tanto quanto o homem para ocupar posições de responsabilidade e liderança na comunidade. Hoje, mais do que nunca, deve continuar a luta para evitar a clericalização e o monopólio hierárquico dos vários ministérios dentro das comunidades eclesiais.

Os Documentos de Puebla e Aparecida trazem pontos importantes sobre a mulher. Puebla afirma que é fundamental que homem e mulher caminhem juntos. Esse foi o desejo de Deus desde o início ao criá-los. É tarefa dos dois dar continuidade à obra da criação (Gn 3,7). Pelo batismo, a mulher, assim como o homem, é chamada a colaborar eficazmente na missão da igreja.<sup>169</sup> O Documento de Aparecida<sup>170</sup> reforça o valor da mulher ao referir-se à prática de Jesus. Jesus acolheu e incluiu a mulher, dando a ela valor e dignidade. Tanto o homem como a mulher devem cultivar relações de colaboração mútua, somando esforços e partilhando resultados. O documento reafirma também que as mulheres são maioria na vida das comunidades. São as primeiras que transmitem a fé. Diz ainda o documento que a Igreja (e aqui me refiro à Igreja Católica, da qual faço parte), os representantes legais da hierarquia que

<sup>167</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 182.

<sup>168</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **Discipulado de iguais:** Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 28.

<sup>169</sup> Documento de Puebla. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 27-01 a 13-02 de 1979, n.ºs. 660-661.

<sup>170</sup> V CONFERENCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 13-31 de maio de 2007, n.ºs 451-458.

a constituem, devem valorizá-las, favorecendo maior espaço de inclusão e comunhão, diminuindo a discriminação que a relega à segunda categoria.

Os dois documentos citados têm entre eles uma distância de vinte e oito anos. Em ambos foi necessário relatar sobre a importância do reconhecimento e valorização da mulher. Isso prova que a mulher, mesmo diante de tantos avanços, não conquistou seu espaço devido, e não é vista nem valorizada como colaboradora eficaz na missão dentro da Igreja e na sociedade. Por que o homem continua firme no seu poderio, que lhe dá status e mordomias? Por que ainda é difícil na igreja o homem partilhar idéias e responsabilidade com a mulher? A mulher nunca cansou de lutar e buscar direitos iguais dentro e fora da Igreja. Ela luta e se faz presente em quase todo lugar onde o ser humano clama por mais vida. Sabe do seu valor e capacidade. Para haver comunhão de vida e de pensamento, mulher e homem necessitam um do outro. Ambos têm sede de complementaridade, comunhão, partilha. É necessário superar o patriarcalismo, o grande desafio que impede a integração. Para a mulher, é necessário buscar novos paradigmas, se ariscar mais, continuar acreditando no seu potencial feminino. O homem precisa tomar consciência que não pode voar com uma “asa” só. Seria um grande desafio abrir mente e coração e fazer as pazes com o seu lado feminino! A integração interna é tão importante e necessária quanto a externa. Esse desafio se fará presente sempre no ser humano. É na parceria e na comunhão das diferenças que o reino de Deus vai se manifestando.

Homens e mulheres eram membros ativos no discipulado de Jesus. A “comunidade cristã eliminava todas as distinções de religião, raça, classe e casta, permitindo [...] não só os gentios e escravos assumissem a plena liderança da comunidade cristã, mas também as mulheres”.<sup>171</sup> E nas primeiras comunidades, as mulheres assumiam liderança junto com os homens. Jesus não deixou nada escrito sobre a prática que realizou com o grupo dos discípulos. Mas quis que continuasse em marcha o movimento dos seguidores, anunciando o projeto do reino de Deus.<sup>172</sup> Ao longo dos anos, seus seguidores foram assimilando e assumindo, dentro do grupo, estruturas de instituições presentes no judaísmo, voltando ao modelo patriarcal, com sua estrutura hierarquizada. Eles vão aos poucos suprimindo o que haviam vivenciado no discipulado de iguais com Jesus: experiências alternativas às estruturas patriarcais. E novamente as mulheres são relegadas à segunda categoria na organização

---

<sup>171</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1995, p. 98.

<sup>172</sup> PAGOLA, 2010, p. 569.

eclesial hierárquica.<sup>173</sup> E essa estrutura é fácil de ser mantida: não precisa correr riscos em busca de novos paradigmas, nem lidar com os conflitos das diferenças.

Os representantes legais da igreja (e aqui me refiro à Igreja Católica com toda sua hierarquia), para admitir a mulher como membro ativo junto às lideranças e às suas funções com igual direito, teria que ter o “reconhecimento oficial e a confissão de que a Igreja tratou injustamente as mulheres e deve, portanto, submeter-se a uma conversão radical”.<sup>174</sup> É na comunhão e integração das diferenças que haverá transcendência na Igreja, e as ideologias sexistas serão eliminadas e homens e mulheres terão os mesmos direitos à igualdade espiritual e participação ativa na igreja.

As mulheres em Mc 15,40-41 são apresentadas como seguidoras de Jesus, desde a Galiléia até Jerusalém, correndo os riscos desse seguimento. Poderiam ser perseguidas, presas e executadas juntamente com Jesus. São elas as discípulas de Jesus por excelência. Elas estavam lá, prontas para fazer por Jesus o que ele fez por elas e por todos. Estavam prontas para servir. Essa atitude contrasta com os discípulos homens, que não entendem um Messias sofredor, fogem e se escondem com medo. Eles se destacam ainda hoje, nas funções ministeriais que exercem; elas continuam sendo empurradas para a retaguarda desde aquele tempo. Basta nos lembrar, que na eleição para substituir Judas, aquele que traiu Jesus (At 1,21 e 26), foram incapazes de incluir no grupo uma mulher. “Elas foram pura e simplesmente suprimidas do grupo à cabeça do qual se coloca Pedro”.<sup>175</sup> Mas afinal, são as mulheres que, mesmo na organização patriarcal que perduram nos nossos dias, constituem a maioria dentro das comunidades. Isso é fato real! A mulher é força viva na Igreja. Estão presentes na catequese, grupos, liturgias, e tantas outras pastorais e movimentos. Como mulher, sinto que é urgente a volta do discipulado de iguais dentro de nossas Igrejas e seus ministérios. E os espaços estruturais nos meios eclesiais precisam ser mais inclusivos e de comunhão de iguais.

Como vimos, é um pouco conflitivo e delicado falar da igreja com suas múltiplas realidades. Temos diferentes maneiras de perceber e viver a prática eclesial. Na igreja, somos conscientes de que existem virtudes e pecados. E acredito que ela poderá ter um coração grande capaz de acolher a todos. Minha contribuição é amá-la como é, com seus valores e limites. É de dentro da igreja que posso ajudá-la a alargar seu espaço, e, em parceria, trabalhar pela nossa constante conversão ao evangelho, acolhendo o projeto de Jesus e incluindo os que estão de fora e nas periferias da vida. Incluídos, que escutemos e acompanhemos aqueles que

---

<sup>173</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1995, p. 98.

<sup>174</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1995, p. 100.

<sup>175</sup> GANGE, 2007, p. 91.

mais sofrem. E seremos uma igreja que coloca a mulher no lugar que Jesus quis para ela: uma igreja aberta ao Espírito Santo. Esse Espírito nos faz ser cristãos de verdade. Sem “ela” brincamos de fazer profecia, sem nada comunicar com nossos discursos vazios.<sup>176</sup>

---

<sup>176</sup> PAGOLA, 2010, p. 570-571.

## CONCLUSÃO

Na conclusão desse trabalho, confesso que é bastante desafiador deixar uma mensagem como referência desse estudo ou dizer que encontrei respostas para as questões. O texto bíblico, como referimos na introdução, é aberto a inúmeras interpretações, de acordo com a vivência, a experiência e a prática cristã de cada um. Ele é um convite a uma leitura infinita e não apenas de curto ou longo prazo. As riquezas desses escritos tão antigos não permitem dar respostas concretas às nossas questões. Não foram escritos para isso, senão estariam bloqueando nossos pensamentos. Eles existem para estimular nossa inteligência, aguçar nossa imaginação e questionar nossas respostas.<sup>177</sup>

No primeiro capítulo do nosso trabalho, apresentamos uma tentativa de análise dos versículos da perícopes de estudo (Mc 14,3-9). O texto inicia com a unção de Jesus por uma mulher anônima. Ela entra com um frasco de alabastro de perfume, caríssimo, quebra-o e derrama o conteúdo na cabeça de Jesus. A destruição do vaso – quebrar – revela que ela não tem segundo planos para o perfume. Ele será para o uso exclusivo e total em Jesus. Vaso destruído, perfume derramado, aroma que invade a casa toda, causando indignação aos homens presentes, que vêem no gesto da mulher só desperdício. Essa ação pode ser vista de outro ângulo com os olhos da fé: o vaso quebrado pode ser símbolo da destruição do corpo de Jesus na cruz, enchendo o mundo todo com o aroma do seu amor, na integração e libertação total de todo ser vivo, principalmente do ser humano.<sup>178</sup>

Na verdade, Jesus frustra as expectativas dos judeus a respeito do Messias que eles esperavam. Não cabia na compreensão deles um Messias sofredor que tivesse seu fim numa morte de cruz. A mulher da unção teve sensibilidade para reconhecer, no sofrimento, condenação e morte de Jesus na cruz, o verdadeiro Messias. Os discípulos homens também não entenderam nada. Judas trai, Pedro nega e todos os outros fogem. As mulheres, pelo contrário, o amam e o seguem.

Só no fim da missão de Jesus, Marcos apresenta as mulheres como paradigma do verdadeiro discipulado! E ressalta dois momentos fortes com presença significativas de mulheres, no bloco da paixão e ressurreição de Jesus em Mc 14-16. O primeiro é o gesto amoroso da mulher anônima de ungir Jesus, e o segundo, é a presença de três mulheres junto à cruz, que correram o risco de ter o mesmo fim de seu mestre, enxergando com os olhos da fé

---

<sup>177</sup> LELOUP, 2006, p. 149.

<sup>178</sup> GRÜN, 2006, p. 126.



tudo que a razão não entendia. No grupo do discipulado que se formou sob a liderança de Jesus e com todos que vinham ao seu encontro, ele não propõe nenhuma doutrina sobre Deus. Para Jesus, Deus não é uma teoria e sim, uma experiência. Experiência que leva a pessoa a olhar para dentro de si e ter contato com seu centro, às vezes bem desconectado com tudo e todos e, principalmente, consigo mesmo. Mesmo desconectada e desintegrada, ela é amada e querida por Deus. A coragem de olhar para dentro de si faz o ser humano tomar consciência das falsas ilusões que ofuscam ver o real. São elas as causadoras das desintegrações e as responsáveis pelas inúmeras doenças dos seres humanos. É necessário reconhecê-las para ter controle sobre a vida e não culpar os outros pelos fracassos. Jesus foi essa pessoa inteira, integrada. Sua missão foi alimentada pela intensa e poderosa experiência de Deus (Lc 4,1-13). Será que as mulheres que Marcos relata como seguidoras de Jesus até o fim fizeram essa experiência de integração com Deus e com elas mesmas? No momento final da vida de Jesus, quando os homens falharam e não foram capazes de estar junto dele, as mulheres foram capazes: elas estavam lá, atentas a tudo o que estava acontecendo, não fugiram. Foram resistentes até o fim. Será essa a prova da experiência do amor, acolhida, valorização, integração, que herdaram de Jesus? É provável que a vida e ação libertadora de Jesus tocou fundo seus corações e de dentro dele emergiu a grande força de vida para estar de pé junto com Jesus.

Outro dado entre Jesus e as mulheres judias foi a integração ativa em seu grupo. Fez crescer nelas sentimento de auto-estima, por serem vistas como algo mais que um útero fértil, mostrando-lhes alternativas de vida.

É necessário continuar criando alternativas de vida para tantos irmãos que ainda não tiveram a oportunidade de fazer a experiência do grande amor de Jesus. Nós, que já fizemos experiência desse encontro, somos convidadas a derramar todo nosso caríssimo perfume em favor de nossos irmãos. Onde? Quando? Nosso contínuo encontro com Jesus e nossa sensibilidade nos dirá. E essa sensibilidade nós, mulheres, temos como característica própria! É só ter coragem de abrir mão do “perfume precioso”! Coragem também de escutar o que o Espírito fala para cada um e cada uma de nós. Ele nunca deixou de falar, nós é que muitas vezes deixamos de ouvi-lo. É na plenitude do meu ser que encontro Deus, escuto e acolho seu evangelho e o anunciarei aos meus irmãos e irmãs.

## REFERÊNCIAS

- A Bíblia TEB.** Nova edição revista e corrigida. São Paulo: Paulinas, Loyola, 1995. 1567p.
- BARBAGLIO, Guisepe et al. **Os evangelhos.** São Paulo: Loyola, 1990. 621 p.
- BARRINGTON, Moore Jr. **As Origens Sociais da ditadura e da Democracia.** Disponível em: [www.scribd.com/doc/2326559/O-que-e-patriarcalismo-equais-suas-influencias-nos-dias-atuais](http://www.scribd.com/doc/2326559/O-que-e-patriarcalismo-equais-suas-influencias-nos-dias-atuais). Acesso em: 30 maio 2011.
- BIBLEWORKS for Windows.** Norfolk, 2006, versão 7.0. CD Room.
- BÍBLIA de Estudo Almeida.** ed. revista e atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 1009 p.
- BÍBLIA de Jerusalém.** Nova ed., revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004. 2206 p.
- BUARQUE, Aurélio de Holanda Ferreira. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Ed. Nova Fronteira, 2. ed. revista e ampliada. 1986. 2120 p.
- CARSON, N, D et al. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1997. 556 p.
- CASONATTO, Odalberto D; VIEBRANTZ, Rosalir. **Jesus E As Mulheres: A Mulher Nos Evangelhos Sinóticos.** Disponível em: <<http://www.artigonal.com/evangelho-artigos/jesus-e-as-mulheres-a-mulher-nos-evangelhos-sinoticos-1655582.html>>. Acesso em: 5 out. 2010.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo:** vol 1: Mateus, Marcos. São Paulo, Hagnos, 2002. 777 p.
- CNBB. Síntese das contribuições da Igreja no Brasil à Conferência de Aparecida: V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe: contribuições ao Documento de Participação. **Perspectiva Teológica**, n. 106, p. 403-432, 2006.
- CORREIA, J. João Luiz. **Chave para análise de texto bíblicos: com exercícios de análise.** São Paulo: Paulinas, 2006. 101p.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- DICIONÁRIO, Grego-Portugues, Portugues-Grego. Porto: Porto Editora, 1997. 1391 p.
- V CONFERENCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 13-31 de maio de 2007, n°s 451-458.

DOCUMENTO DE PUEBLA. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina.** Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 27-01 a 13-02 de 1979, n<sup>os</sup>. 660-661.

DOUGLAS, J. D.; BRUCE, F. F.; SHEDD, R. P. **O Novo Dicionário da Bíblia.** 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. 1402 p.

EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento** - Introdução aos métodos Lingüísticos e Histórico Crítico. São Paulo: Loyola, 1994.

GANGE, Françoise. **Jesus e as mulheres.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 91 p.

GNILKA, Joachim. **El Evangelio Segun San Marcos.** Salamanca: Ediciones Sigueme, 1986. 269 p.

GRÜN, Anselm. **Jesus caminho para a liberdade.** Evangelho de Marcos. São Paulo: Loyola, 2006. 153 p.

HORRISON, Everett F. **Introducción Al Nuevo Testamento.** Grand Rapids: Subcomision Literatura Cristiano, 1980. 510 p.

JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus.** São Paulo: Paulinas, 1983. 512 p.

LELOUP, Jean-Yves. **Caminhos da realização:** dos medos do eu ao mergulho no ser. Petrópolis: Vozes, 1996. 147 p.

LELOUP, Jean-Yves. **Judas e Jesus:** duas faces de uma única revelação. Petrópolis: Vozes, 2007. 65 p.

KONINGS, Johan. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “fonte Q”.** São Paulo: Loyola, 2005. 340p.

MALZONI, Cláudio Vianney. **Jesus em Betânia:** Mc 14,3-9: Um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão. São Paulo: Paulinas, 2010. 119 p.

MARGUERAT, Daniel. **Novo Testamento:** história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2009. 653 p.

MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico.** 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. 979 p

MINOR, Mitzi. The Women of the gospel of Mark and Comtemporany Women's Spirituality. Disponível em: <[www.spiritualitytoday.org/spir2day/91432minor.html](http://www.spiritualitytoday.org/spir2day/91432minor.html)>. Acesso em: 06 out. 2009.

MONLOUBOU, Louis; DU BUIT, F. M. **Dicionário bíblico universal**. Aparecida: Santuário; Petrópolis: Vozes, 1997. 828 p.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992. 570 p.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993. 810 p.

PAGOLA, José A. **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2010. 661 p.

POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos** Comentário Esperança. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança 1998. 467 p.

REIMER, Ivoni Richter. Para memória delas!: textos e interpretações na (re)construção de cristianismos originários. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 1, 2010.

RUSCONI, Carlos. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003. 540 p.

SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. **Novo Testamento Interlinear Grego-Português**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004. 979 p.

SCHOTTROFF, Luise. **Mulheres no Novo Testamento**: exegese numa perspectiva feminista. São Paulo: Paulinas, 1995, 149p.

SCHREINER, Josef; DAUTZENBERG, Gerhard. **Forma e Exigências do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977. 333 p.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992. 398 p.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **Discipulado de iguais**: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995. 404 p.

SMITH, Julie M. **Mark 14:3-9: The Anointing at Bethany as Markan Christology**. Disponível em<<http://timesandseasons.org/index.php/2006/02/mark-14,3-9-the-anointing-at-bethany-as-markan-christology/>> Acesso em: 06 out. 2010

TEPEDINO, Ana M. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1990. 133 p.

Textos judaicos. Disponível em: <[www.wikipedia.org/wiki/Categoria:Textos\\_judaicos](http://www.wikipedia.org/wiki/Categoria:Textos_judaicos)>. Acesso em: dia 25/01/2011.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento** - Manual de Metodologia. 3. ed. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2005. 414 p.